



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTOS SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 1761/15	DATA: 17/09/2015	
LOCAL: Plenário 4 das Comissões	INÍCIO: 09h57min	TÉRMINO: 12h36min	PÁGINAS: 52

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - Presidente da Confederação Brasileira de Vela. EDSON ALTINO PEREIRA JUNIOR - Presidente da Confederação Brasileira de Remo; ADEMAR LAMOGLIA - Presidente da Federação de Tae-kwon-do de Brasília.

SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.
--



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Bom dia a todos os presentes!

Esta reunião de audiência pública da Comissão do Esporte está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 33/2015, de iniciativa do Deputado João Derly, e tem como objetivo debater a preparação da delegação dos atletas para as Olimpíadas de 2016.

Para dar início às apresentações, convido para sentar-se à Mesa o Sr. Ademar Lamoglia, Presidente da Federação de Tae-kwon-do de Brasília (*palmas*); o Sr. Edson Altino Pereira Junior, Presidente da Confederação Brasileira de Remo (*palmas*); e o Sr. Marco Aurélio de Sá Ribeiro, Presidente da Confederação Brasileira de Vela (*palmas*).

Informo que esta é a terceira audiência do ciclo que será realizado com as Confederações Olímpicas para debatermos a preparação das delegações para os Jogos Olímpicos do Rio 2016. Já está programada uma audiência para o dia 1º de outubro com as Confederações de Ciclismo e de Box, as demais audiências estão agendadas para os dias 8 e 15 de outubro.

Antes de passarmos às exposições, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública: o convidado deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 20 minutos para suas preleções, não podendo ser aparteado; após as exposições, serão abertos os debates; os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente e poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da exposição pelo prazo de 3 minutos; será permitida a réplica de qualquer participante citado durante os debates.

Então, sem mais delongas, passo a palavra ao Sr. Marco Aurélio de Sá Ribeiro.

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - Bom dia a todos!

Gostaria de agradecer ao Deputado João Derly e à Comissão o convite para vir aqui hoje, o que muito me honra, para discutir um tema da mais alta relevância para o nosso esporte que é a preparação dos nossos atletas para os Jogos Rio 2016.

Eu vou dividir esta apresentação em três pontos: em primeiro lugar, eu vou falar um bocadinho de como foram os preparativos até agora; depois, vou falar sobre quais serão os próximos passos para a nossa preparação; e, por último, vou falar



sobre os resultados esperados pela Confederação Brasileira de Vela nos próximos jogos.

Então, começando com a preparação, a Vela é o esporte, em termos de medalha de ouro, é o esporte mais vitorioso do Brasil em Jogos Olímpicos: nós temos 6 medalhas de ouro num total de 17 medalhas. Nos últimos Jogos Olímpicos, desde 1992, a Vela sempre trouxe uma medalha para o Brasil, muitas vezes, mais de uma. Então, nós temos um time de velejadores e de atletas de Primeiro Mundo.

A Confederação Brasileira de Vela tem uma peculiaridade: ela tem apenas 3 anos de idade, vai fazer 3 anos de idade. Isso significa que, como uma Confederação nova, nós não tivemos acesso aos recursos do Ministério do Esporte nesses primeiros 3 anos, porque não estamos habilitados a realizar convênios. Então, isso limitou muito o acesso da Confederação a recursos neste ciclo olímpico.

Então, os recursos vieram da Lei Piva, através do Comitê Olímpico Brasileiro, da ajuda indireta do próprio Comitê Olímpico Brasileiro, através de projetos extras que nós apresentamos ao comitê e ele aprovou, e da grande ajuda que o Ministério nos deu, a Bolsa Pódio, que, apesar de não ajudar diretamente a confederação, facilita demais a preparação dos nossos atletas.

Então, munidos desses recursos, nós iniciamos o nosso ciclo olímpico e os resultados são que esse ciclo olímpico é o mais vitorioso da história da vela até hoje. Até o presente momento, a vela ganhou três campeonatos mundiais em três categorias diferentes — quer dizer, não é sempre o de sempre. O Robert Scheidt... Aliás, ganhou um, mas em três categorias diferentes. E o que é melhor: em duas dessas três categorias, a vela ganhou mundiais com atletas com menos de 25 anos de idade, demonstrando uma grande renovação dos atletas da equipe olímpica da vela.

Ganhamos, também, várias etapas da Copa do Mundo. Hoje, o Brasil se situa entre uma das quatro maiores forças da vela mundial. Nesse período, nós conseguimos trazer para o nosso esporte o maior ídolo do esporte da vela — o Pelé da vela —, o Torben Grael, que é o meu diretor técnico, numa ajuda grande que o Comitê Olímpico Brasileiro forneceu para nós.

O Torben vem liderando, com maestria, uma equipe que tem como capitão, evidentemente, o Robert Scheidt, indo para a sexta Olimpíada, com 100% de



aproveitamento. Em todas as Olimpíadas em que disputou, obteve medalha. Está indo para a sua sexta Olimpíada e, se ganhar uma medalha em 2016, vai, simplesmente, se transformar no maior atleta olímpico brasileiro de todos os tempos — coisa que, hoje em dia, ele já é, disputando em igualdade com o Torben Grael em número de medalhas ganhas, ambos com cinco medalhas olímpicas.

Então a preparação, até agora, vem sendo feita de uma maneira adequada, no meu entender, para que nós cheguemos até a Olimpíada com força total.

Há alguns obstáculos. A vela não é um esporte barato, é um esporte que envolve bastante investimento. Existe, até pela questão da Bolsa Pódio, a necessidade de o nosso atleta estar bem ranqueado no *ranking* mundial. Isso obriga que o nosso atleta viaje pelo mundo inteiro. A Olimpíada é no Rio de Janeiro, mas ele tem que viajar pelo mundo inteiro para fazer *ranking*, para participar das competições internacionais e conseguir estar ranqueado. Então, isso também onera bastante.

Eu deixei com o Deputado João Derly, com a Comissão, os demonstrativos financeiros da confederação e da campanha olímpica, tema da nossa palestra aqui. Eles estão à disposição, eu acho que qualquer um pode, depois, solicitá-los à Comissão — para não entediá-los com números. Cada etapa de um campeonato mundial que a confederação vai disputar custa 350 mil reais — cada etapa. Quer dizer, isso é o que custava antes de o dólar e o euro avançarem. Hoje em dia, já deve estar em torno de 400, 450 mil. A Copa do Mundo tem seis etapas, então, só aí vai um recurso bastante amplo.

Em relação ao que nós pretendemos fazer até 2016: nós vamos acabar a seleção da equipe olímpica em dezembro. Nós testamos o novo sistema de selecionar os atletas para a Olimpíada. Até então, era por eliminatória simples e, agora, não. Agora, o atleta é avaliado por um comitê técnico formado por dez pessoas que, somadas, dão 12 medalhas olímpicas. Eles avaliam esses atletas e, se houver alguma dúvida sobre se um atleta se sobrepõe ao outro nas competições, haverá uma eliminatória em dezembro no Rio de Janeiro, sede da Olimpíada, para a definição de quem irá para a Olimpíada.

Hoje nós já sabemos, nós já definimos sete membros. São dez categorias na vela e já definimos sete, já sabemos o nome de sete equipes que vão para a



Olimpíada. Quanto às outras três, um atleta não conseguiu se destacar sobre o outro e, então, haverá uma seletiva, em dezembro, para essas três classes, que são as classes: 470 masculino, 49er e Nacra 17. São três classes que devem ir para essa seletiva.

Após essa seletiva, nós vamos centrar os investimentos na equipe que foi formada e vamos levar esses atletas para os mundiais que acontecem no primeiro semestre. Depois, eles ficam internados no Rio de Janeiro até a hora da Olimpíada, treinando até a Olimpíada. Esses são os nossos planos.

A nossa expectativa durante a Olimpíada é a de chegarmos como uma das principais forças do mundo na vela. Nós temos muita esperança na equipe, mas todo mundo que está aqui e é ligado ao esporte sabe muito bem que as competições são ganhas no momento. Ninguém ganha competição de véspera, ninguém ganha medalha de véspera. Então, não há jeito de a confederação prometer ou acenar um resultado.

Agora, o importante é dizer que nós vamos chegar competitivos, ou seja, com chance de ganhar medalha em sete das dez categorias. Então, eu não me surpreenderia se nós ganhássemos sete medalhas — mas, no esporte, ninguém também se surpreende se ganhar zero. O que importa é que chegaremos competitivos em sete categorias. O que eu quero dizer com competitivo? Que chegaremos com atletas entre os dez primeiros do *ranking* mundial, em sete categorias diferentes, e com vários desses atletas entre os três primeiros do *ranking* mundial, como nós temos hoje. Esse é o plano relacionado à Olimpíada.

Muito se fala sobre legado. Em termos de legado nessa preparação, no caso da CBVela, esse foi o ciclo olímpico mais democrático da história do esporte de vela. Democrático em que sentido? O número de atletas apoiados foi recorde. Nós apoiamos três equipes de cada categoria no primeiro ano, dando igualdade de condições para todas as equipes, para que, dali, então, emergisse um favorito. Por isso é que houve toda essa renovação.

O Jorge Zarif Neto, atleta olímpico do ano de 2013, foi um dos últimos colocados nos Jogos Olímpicos de 2012 na classe fim. No ano seguinte, graças a esse apoio, a esse trabalho novo que nós fizemos, ele foi o campeão mundial da



classe dele. Então, em 1 ano, ele saltou de uma situação em que ele estava entre os últimos colocados para a primeira colocação.

A equipe é boa. E se você democratiza o acesso a recurso por toda a equipe — e não pelos de sempre —, você começa a obter resultado. Se você dá o apoio, você começa a obter o resultado, e isso nós podemos ver acontecer.

Nós apoiamos 78 atletas — 15 vão para a Olimpíada. Setenta e oito atletas foram apoiados nesse ciclo olímpico. E o que nós chamamos de apoio? Eles receberam barco, equipamento, participaram de competições internacionais, tiveram toda a chance de mostrar o serviço deles.

Aliado a isso, ainda em termos de preparação, pela primeira vez, também, criamos uma equipe olímpica de vela jovem para acompanhar a equipe olímpica de vela principal. Nós investimos meio milhão de reais este ano só na equipe olímpica de vela jovem. A equipe olímpica de vela jovem tem participado de treinamento junto com a equipe olímpica principal.

Então, nós estamos aproveitando o fato de estarmos num ciclo olímpico para obter, pegar esses recursos que estão vindo. E, de fato, acho que toda a sociedade brasileira está mobilizada para ajudar na formação desses times olímpicos. A vela tem recebido o máximo de apoio de todos os entes ligados ao esporte. Então, nós temos que aproveitar esse momento e tentar democratizar o máximo o acesso a esses recursos, sem perder de vista o tema desta palestra e sem perder de vista a necessidade de se criar um time olímpico forte.

Uma outra iniciativa nossa: nós temos como meta, para 2020, que um terço dos nossos atletas sejam de Estados que nunca mandaram atleta para a Olimpíada.

Então, nós fomos a vários Estados e perguntamos: “*Quem é o melhor velejador?*” Muitas vezes, o melhor velejador de um Estado é alguém que está num nível muito inferior ao de um velejador mediano de um grande centro de vela. Nós trazemos esse velejador para o nosso centro de treinamento — na verdade, não temos um centro; nós sempre treinamos num clube, em algum lugar assim — e o desenvolvemos.

Já temos um resultado: o atleta Gabriel. Ele era um atleta esquecido no Estado de origem dele, Espírito Santo, veio treinar conosco e hoje já está entre os dez primeiros do mundo na prancha à vela. Já temos um atleta formidável, o Bimba,



Ricardo Winicki, e agora temos um sucessor ou um rival dele que é esse garoto que pegamos no Espírito Santo e ao qual demos condições de evoluir.

Lembramos a vocês — é muito importante terem dado a oportunidade de as confederações estarem aqui — que o esporte, hoje, é um fenômeno coletivo. Não existe mais esporte individual. O atleta é uma criação quase social. Há todo um planejamento físico. Há todo um planejamento técnico. Há todo um desenvolvimento de material. Há toda uma gama de profissionais ligados a esse atleta. Hoje, nenhum atleta em sã consciência vai dizer “*eu ganhei*”. Todo atleta tem que dizer “*nós ganhamos*”, porque ele uma equipe enorme, mesmo nas modalidades individuais, como a Laser, com um barco de um tripulante só, representada por Robert Scheidt. Mesmo nesses casos, a vitória, a conquista, é coletiva.

Algo que também encarece muito as preparações é a equipe multidisciplinar atrelada ao atleta. Todo atleta tem que ter um técnico, às vezes mais de um técnico. Ele pode ter um técnico mais focado nas condições da regata de que ele vai participar e um técnico focado no treinamento. Por exemplo, um técnico estrangeiro que não pode morar no Brasil acompanha o atleta em algumas competições, e outro técnico treina esse atleta no dia a dia.

Além do técnico, o atleta tem um psicólogo, um fisioterapeuta, pessoas que cuidam dos equipamentos. No caso da vela, por exemplo, ele tem pessoas que cuidam dos equipamentos. O atleta também tem um pessoal de escritório para cuidar da logística dele. Como ele tem competições nos Estados Unidos, na Europa, é fundamental essa logística. Se algum desses profissionais não funcionar, o atleta não vai ter o resultado esperado. Se o atleta não tiver um barco adequado, vai sofrer as consequências disso. Ele vai ter problemas. Então, o atleta é um fenômeno coletivo, mesmo no esporte individual, principalmente na vela.

A nossa perspectiva é que o evento seja um sucesso. A competição de vela vai ser realizada na Baía de Guanabara, cartão postal do Rio de Janeiro — a regata da medalha vai ser debaixo do Pão de Açúcar —, e a de remo na Lagoa Rodrigo de Freitas. Nós temos a grande vantagem de estarmos num cartão postal. Vai ser um show fantástico! A regata da medalha vai ser em frente à praia, com entrada gratuita. E estimamos que 800 mil pessoas assistirão à regata da medalha, principalmente se houver a participação de um brasileiro.



Numa competição aérea ocorrida na Baía de Guanabara, mesmo local, dois milhões de pessoas estiveram presentes. Então, não é absurdo supor que 800 mil pessoas irão assistir a um brasileiro tentar ganhar ou ganhar uma medalha numa final em frente à Praia do Flamengo. Isso democratizou bastante. Anteriormente, essa área ia virar um estádio com arquibancada. Mas numa ação muito interessante da Rio 2016, decidiu-se não fazer arquibancada, não fazer estádio e liberar a entrada. O pessoal vai para a areia, assiste à regata e possivelmente vê brasileiros em boas colocações.

Basicamente, atendo-me ao tema e ao tempo que me foi disponibilizado, eram essas as minhas palavras. Mais uma vez, agradeço o convite e coloco-me à disposição para responder a perguntas que eventualmente apareçam.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Muito obrigado, Marco Aurélio. Antes de passar a palavra ao próximo expositor, comunico a todos que esta audiência pública está sendo transmitida pelo portal e-Democracia, com *link* disponível na página da Comissão do Esporte, no portal da Câmara. Lembro que as perguntas também podem ser enviadas pelo portal e-Democracia. Nós as leremos e as passaremos aos nossos expositores. Semana passada, foi batido o recorde de perguntas. Tivemos um número bem considerável.

Neste momento, falará o Sr. Edson Altino Pereira Júnior.

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JÚNIOR - Gostaria de agradecer a oportunidade de falar um pouco do nosso esporte, o remo. Começo falando da importância da Lei Piva para as Confederações. Acho que dá para dividir a história do esporte em duas fases: uma antes da Lei Piva e outra depois. Com esse recurso, nós temos condições de fazer as seletivas nacionais, captar os talentos para formar a seleção brasileira, fazer acampamentos de desenvolvimento de atletas e dar todo o suporte básico para o desenvolvimento desta modalidade em nível nacional. Um dos problemas talvez seja o de que esta lei não abrange as federações e os clubes. Eles têm que buscar outras formas de receita para se sustentar.

No remo, como em outros esportes, nós temos um constante processo seletivo — eu estou na terceira temporada à frente da Confederação Brasileira de Remo — que vem sendo aperfeiçoado. E, hoje, é praticamente incontestável que os



melhores atletas são os que estão na seleção brasileira. Com isso, tivemos resultados nos Paraolímpicos muito mais expressivos do que nos Olímpicos.

No último campeonato mundial, semana passada, nós garantimos três vagas para a Paraolimpíada de cadeirantes masculinos e femininos e remadores de braço e tronco nos barcos mistos. Eles já estão classificados para a Paraolimpíada.

Com relação ao suporte dado aos atletas para participação e preparação, os atletas brasileiros do remo, dos quais eu posso falar, são os mais apoiados do mundo. Eles têm mais suporte financeiro do que outros atletas no mundo. O que pode faltar a eles é equipamento, um dos nossos grandes problemas. No remo, na vela, os equipamentos não são os mais baratos. E, com as taxas de importação, nós temos certa dificuldade de trazer equipamentos para treinamento.

Também contamos com um apoio da Marinha, onde foi feito um edital. Como outros esportes, o remo tem atletas engajados na Marinha. Temos suporte do Bolsa-Atleta em número razoável. Somos um dos esportes que mais têm bolsa-atleta, o que nos dá condição de atender as categorias de base também. Estamos trabalhando também para 2020, não só para 2016. Então, simultaneamente à preparação para 2016, fazemos a preparação de um grupo de atletas para 2020. Nas categorias de base, temos até mais destaque do que nas de adultos. Nos últimos anos campeonatos mundiais de júnior, tivemos mais finalistas do que nos de adultos.

Anualmente, a confederação leva a campeonatos internacionais cerca de 90 atletas de todas as categorias: de base, sub-23 e sênior. A conquista de vaga é sempre muito, muito difícil para o atleta. Cada atleta que está na seleção brasileira passou por várias etapas seletivas, fazendo por merecer, com isso, a vaga, que é muito disputada.

Eu poderia falar muito mais fora do tema do que do tema, porque nós temos muitas dificuldades hoje. Diferentemente de outros esportes, no remo a área de treinamento está sendo utilizada para eventos. Nós tivemos que sair dessa área para que fosse feita a reforma do estádio e da raia de competição. Então, tivemos que tirar a seleção do seu local de treinamento para que os jogos fossem realizados na Lagoa Rodrigo de Freitas, uma dificuldade e um desafio a mais para o remo. Eu



acho que foi o único esporte que teve que sair do local de treinamento para dar espaço para a realização dos jogos.

Desafios à parte, temos sempre que buscar alternativas. Temos alguns clubes parceiros, como o Grêmio Náutico União, de Porto Alegre, que é um centro de treinamento muito bom, onde a seleção treina. Em Brasília, também há um lugar excelente para treinamento, onde fazemos campeonatos nacionais, em parceria com a Federação Brasiliense, que têm sido um sucesso, pela qualidade de treinamento que existe aqui. Com isso, estamos conseguindo até boas parcerias com outros países que querem treinar aqui, junto com a nossa seleção. Isso faz com que o nosso nível também vá sendo elevado.

Acho que era isso que tinha a dizer. Eu prefiro me ater mais às perguntas a à explanação. Agradeço muito a oportunidade. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Edson. Passo a palavra, agora, ao Sr. Ademar Lamoglia.

O SR. ADEMAR LAMOGLIA - É um prazer estar participando desta audiência pública. Cumprimento a Mesa, na pessoa do Deputado João Derly, um multimedalista no judô, excelente atleta, que agora presta sua competência ao Legislativo nacional. Agradeço à Comissão, que deu oportunidade a cada uma das modalidades participantes de Olimpíadas de vir aqui explicar como está sendo feito o treinamento em termos de expectativa e, ao mesmo tempo, quais as dificuldades na formação e na preparação de cada uma das equipes dessas modalidades olímpicas.

Eu represento o tae-kwon-do, que é uma arte marcial coreana. Por ainda ter um histórico bem recente em Olimpíadas, ele dispõe de poucas vagas. Nesta modalidade, nós temos 8 categorias olímpicas. Infelizmente, nas Olimpíadas cada país só pode apresentar dois atletas em cada uma. E o Brasil, por ser sede das Olimpíadas, foi contemplado com quatro vagas. Quem tem esse privilégio no mundo é só a equipe da Coreia, que foi quem implantou essa arte marcial. Então o nosso histórico é baseado nessa possibilidade de quatro vagas nas Olimpíadas de 2016.

Então, o que nós fazemos? Primeiro, a formação do atleta deriva de treinamento em academias, porque é um pouco difícil. O Brasil, infelizmente, não dá valor à formação do atleta, à formação escolar, como é feito no mundo todo. O



Brasil, por questões ideológicas, acha que a prática de esportes nas escolas deve ser feita só de maneira lúdica e não competitiva. Isso tira a oportunidade de muita gente.

O ranqueamento que fazemos para formar a seleção olímpica ocorre, primeiro, na estadual. Depois, com todos os atletas, fazemos o ranqueamento nacional, de onde vão se tirar os quatro melhores atletas, para se fazer, em duas seletivas, e não em uma, a aferição técnica para a formação da nossa equipe olímpica. Dessa vez, como nós temos quatro vagas, obviamente teremos mais cautela para formar essa seleção olímpica de tae-kwon-do com os atletas que têm maior experiência internacional, que têm o *ranking* internacional bem elevado.

No Brasil, devido às dificuldades financeiras, principalmente nesse ano, o tae-kwon-do perdeu 50% do seu já combalido orçamento de patrocínio por causa de questões políticas. Então, nós ficamos realmente muito prejudicados. E quem nos dá suporte, como falou o Presidente da Confederação de Remo, é a Lei Agnelo/Piva. Se não fosse ela, a maioria dos esportes não sobreviveriam.

Isso é uma injustiça, mas nós sabemos conviver com essa situação, não é, Sr. Presidente? E sabemos fazer, primeiro, uma seleção técnica e, depois, infelizmente, uma seleção financeira, para que possamos fazer as inscrições em competições internacionais dentro do orçamento que nós temos. Obviamente, a lei que concede a bolsa-atleta e a bolsa-pódio nos ajudam bastante, mas ainda não é o suficiente.

Eu até solicito ao Presidente, Deputado João Derly, que comece a fazer uma gestão no sentido de saber, pelo menos em termos de informação, por que alguns esportes são mais aquinhoados do que outros. Essa é uma das grandes batalhas de Presidente de confederação.

Eu vou passar a me ater ao tema da audiência pública.

Os programas de treinamento são feitos, quando há seleção nacional, em um centro de atendimento no Rio de Janeiro. São escalados para esses centros os quatro melhores atletas de cada categoria de peso, onde são avaliados por uma equipe técnica, composta de seis técnicos de alto rendimento, inclusive a Natália Falavigna, medalhista e atleta reconhecida em âmbito internacionalmente, e o mestre Carlos Negrão, de São Paulo, um dos melhores técnicos que nós temos.



Dentro desse contexto, obviamente, dois são escolhidos para começar a fazer as viagens internacionais nos *opens* e nos campeonatos mundiais.

Um dos grandes problemas dos atletas — eu acho que o Deputado João Derly vai concordar comigo — em campeonatos mundiais e Olimpíadas é o foco. A maioria deles não é preparada para, na hora da competição, ter a concentração necessária e colocar em prática, em nosso caso na luta, tudo aquilo que foi estudado durante um longo tempo: a técnica de combate, as suas variáveis e as suas variantes.

O brasileiro é indisciplinado nesse aspecto. Por isso nós estamos tentando fazer um trabalho de longo prazo para que os atletas tenham esse foco, tenham concentração suficiente para enfrentar os atletas internacionais muito bem ranqueados de igual para igual.

Não é só em esporte individual que isso acontece, haja vista que nós já perdemos medalha em esporte coletivo por falta disso — vôlei feminino, vôlei masculino, basquete. Parece que, em dado momento, dá um apagão em nossos atletas. Eu não sei se é verdade, mas é muito dito fora do Brasil que é o choque cultural quando se enfrenta uma grande potência. Nós estamos tentando fazer com que isso seja sanado pelo menos dentro do Brasil.

Conforme bem citou o Presidente da Confederação de Vela, nós formamos uma equipe multidisciplinar para atender esse atleta com tudo que há de melhor e de mais moderno em âmbito internacional, seja uma equipe nacional, seja uma equipe que tenha pretensão olímpica.

Dessas quatro vagas efetivas, nós temos expectativas de pelo menos uma medalha; no momento mais pretencioso da confederação, de duas. Nós temos atleta ranqueado em âmbito nacional e internacional, o que nos permite sonhar com duas medalhas. Obviamente, não fazemos frente à equipe que têm o tae-kwon-do como um dos seus carros-chefes, como a equipe da Coreia. Por incrível que pareça, o Irã está com uma equipe excepcional, assim como os Estados Unidos e o México, onde o tae-kwon-do é o segundo esporte mais popular. Tudo isso faz com que os nossos esforços sejam redobrados na preparação de uma equipe olímpica, principalmente aqui no Brasil, nesta oportunidade.



Então, esse preparo é todo em decorrência única e exclusivamente de um primeiro momento das Olimpíadas de 2016. Mas nós não nos esquecemos da pré-Seleção de Tóquio para as Olimpíadas de 2020. Para isso, nós já estamos preparando alguns atletas.

O Brasil consagrou-se Campeão Mundial Juvenil de Tae-kwon-do com o atleta Netinho, da Paraíba. O nosso Campeão Pan-Americano Juvenil é de Brasília, o Juliano Adjunto.

Então, conforme citaram os Presidentes das Confederações de Vela e de Remo, esses são os valores de formação para o futuro. Mas nós só vamos ter esse futuro se tivermos apoio financeiro, se tivermos apoio de recursos de tal ordem que nos permita seguir o cronograma que as confederações mantêm.

Eu estou até assustado, abismado com a equipe de vela, porque em tão pouco tempo de confederação tem tido tão bons resultados, não é, Presidente? Isso é fruto dos feitos dos dirigentes, que são abnegados, que muitas vezes deixam sua atividade na iniciativa privada para cuidar de um esporte nacional.

Hoje, o Brasil é o terceiro país em número de filiados em tae-kwon-do no mundo; é uma potência que ainda não temos condição de explorar por falta de recursos. Todo recurso que nós conseguimos é direcionado para essa formação de gerações futuras. Nós já tivemos atletas laureados, como Natália Falavigna, Diogo Silva, Milton Iwama, Mestre Marcos Rodrigues, que está aqui presente, e tantos outros tantos.

Então, a dificuldade que nós temos de preparação para as Olimpíadas não é baseado em potencial nem em organização, mas simplesmente em recurso.

Acho que a democratização de alguns tipos de recursos passa por uma discussão mais ampla. Faço uma chamada para uma reflexão sobre o padrão de distribuição de recursos no Brasil, pois nós temos alguns esportes melhores aquinhoados do que outros. Isso é uma injustiça, porque muitas vezes alguns esportes têm mais potencial para trazer medalha do que outros e é esquecido.

Quem esperava uma atuação tão boa do remo nos Jogos Pan-Americanos e no mundial? Eu que sou envolvido no esporte, Sr. Presidente, não esperava. Muito bem, parabéns pela atuação do remo.



Então, nós temos que estar preparados, principalmente esta Casa, para democratizar a forma de pensar o esporte, mas não com paixão. Alguns países estão usando o esporte, e alguns o fizeram no passado, como instrumento político. Nós poderíamos entrar nisso também, ser um fator gerador de boas notícias, e o Brasil não faz isso. O Brasil ainda está na era do futebol, e isso já acabou, hoje o futebol se uniformizou no mundo todo.

O *tae-kwon-do*, primeiro, tem essa preocupação de formar uma boa equipe; segundo, representar o Brasil com dignidade. Por meio de várias parcerias, nós estamos conseguimos sobreviver e, a partir do ano que vem — com uma formação não tão boa quanto gostaríamos, mas com muita vontade de fazer —, estaremos preparando o caminho para Tóquio 2020, porque já sabemos dessa dificuldade imediata.

Então, está na hora de os legisladores, está na hora de os empresários, está na hora de o Ministério do Esporte pensar de uma forma global essa melhor distribuição, porque quem forma atleta não está sendo beneficiado em nada. As confederações têm essas preocupações desde o atleta lá na formação. Se o Ministério do Esporte e o Ministério da Educação fizerem uma leve mudança nessas diretrizes educacionais esportivas, o País dará outro salto de qualidade em questão de *performance* em todas as modalidades que nós levamos para representar o Brasil em olimpíadas. O instrumento da Lei Agnelo Piva é que nos dá realmente um pouquinho de suporte, né Presidente.

Então, Deputado, o que nós *tae-kwon-do* precisamos, o que nós *tae-kwon-do* fazemos, fazemos dentro de um possível. E esse possível está sendo fazer uma preparação com um cronograma rígido, um cronograma de treinamento mais democrático. A Confederação, nunca em gestão anteriores, teve uma atração nacional tão abrangente como está tendo agora, dando oportunidade para que todo e qualquer Estado demonstre a capacidade dos atletas locais numa competição nacional e com pretensão à participação em seleção nacional e seleção olímpica.

Desculpe-me, se eu vou fugir um pouco do tema, Deputado, mas eu acho que está na hora de a Câmara raciocinar e pensar na mudança da Lei Pelé. Essa lei possui algumas coisas que foram feitas com excesso de democracia, e isso está



atrapalhando o desenvolvimento em alguns estados. E a Confederação do *tae-kwon-do* pode trazer algumas contribuições.

Outra coisa, na elaboração dessas leis que tratam dos interesses dos esportes, eu acho que deveriam ser provocados mais os dirigentes esportivos sobre questões para as quais nós não somos consultados e, muitas vezes, a lei sai um pouco contaminada e um pouco deformada. Daí, passam-se anos e anos até se fazer essa correção. E, como a sua formação é a de atleta competitivo, eu acho que, sobre essa questão, V.Exa. já deve estar trazendo a sua preocupação para dentro desta Casa.

Nós nos colocamos à inteira disposição para colaborar para que essas leis, algumas, sejam um pouquinho mais consistentes para a melhoria do tratamento do esporte competitivo, porque lá fora nós representamos o Brasil, nós não somos simplesmente atletas, nós envergamos a Bandeira Nacional e esse descaso dói muito.

Presidente, a nossa expectativa — eu já coloquei — é a de que, das quatro vagas que nós temos, possamos trazer, no mínimo, duas medalhas para o Brasil. Obviamente, não temos a pretensão de uma medalha de ouro, porque os quatro pesos que nós vamos escolher da categoria masculina e feminina, qualquer que seja, farão parte de uma seleção que estará enfrentando os melhores do mundo, mas é o que nós temos de melhor.

Nós temos atletas ranqueados entre os dez do mundo, e isso traz uma esperança muito grande para que o *tae-kwon-do* responda positivamente aos incentivos que nós temos, que são poucos, mas aos quais nós agradecemos bastante. Tecnicamente, não ficamos devendo a nenhum país do mundo, nem à Coreia, que é o inventor do esporte, em termos de *performance*. Obviamente, dentro do *dojang* ou do tatame, como no judô, nós temos algumas questões que são resolvidas politicamente, e não tecnicamente. Então, nós não temos medo disso também não.

E louvo a Câmara, em nome do Deputado João Derly, por trazer este tema para esta Casa, porque é uma forma de disseminar esta discussão não só nacionalmente, pois o grande problema e a grande vertente que temos que seguir



são as discussões regionais, estaduais e municipais para que o esporte cresça de forma uniforme, não só o *tae-kwon-do*, mas o esporte olímpico como um todo.

Eu trouxe uma apresentação, mas, assim como o Presidente Marco Aurélio, não quero me ater a isso, pois são números e gráficos aos quais ninguém vai querer prestar atenção direito. Mas nós trouxemos um relatório de *performance* e financeiro dos últimos 5 anos do *tae-kwon-do*. Então, vou deixá-lo disponibilizado a quem quiser ter acesso para saber o que nós fazemos com o pouco dinheiro que recebemos para preparar uma representação olímpica para o Brasil num evento tão importante como uma olimpíada, maior evento esportivo do planeta. Essa é uma forma de vocês saberem o que nós temos de repensar, pois nunca se gastou tanto dinheiro com esporte, com instalação esportiva visando às olimpíadas. Mas ele foi bem gasto? Ele foi democrático? É uma questão para esta Casa pensar e ver qual será o legado, Presidente, isso é o que nos preocupa bastante, porque o legado da Copa eu acho que foi uma decepção. E nós não queremos que nas Olimpíadas façam a mesma coisa que no futebol.

Então, encerro a minha participação, agradecendo a paciência de cada um de vocês em nos ouvir, porque presidente de federação, de confederação só sabe reclamar, porque nós sabemos das dificuldades por que passamos. E quero agradecer-lhe bastante, Presidente João Derly, porque a sua origem fez com que se abrisse esta oportunidade. E principalmente saber que esporte forma não só atletas, senhores, ele forma cidadãos, porque os atletas que têm talentos vão para frente, e os que não conseguem, ficam, mas ficam como pessoas decentes, sérias, pessoas de bem.

Então, o esporte tem que ser cuidado, pois, por meio dele, se muda bastante a vida de muitas pessoas. Isso tem de ser levado em consideração. Obrigado, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Ademar. Nós já temos perguntas pelo portal *e-Democracia*.

Neste momento, finalizando as apresentações, abriremos espaço para os debates. Já temos o Deputado Hélio Leite inscrito para falar e, como há um número reduzido hoje de Deputados, nós abriremos ao público em geral para fazer perguntas.



Passo a palavra para o Deputado Hélio Leite.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Deputado João Derly, primeiro eu quero parabenizar V.Exa., que demonstra cada vez mais a esta Casa o seu respeito, o seu carinho e, acima de tudo, a sua vivência para buscar aqui discussões desse tom. São discussões que dão oportunidade não só para as federações exporem o que estão fazendo, o que planejam, o que podem fazer, como também para nós Parlamentares conhecermos cada Federação, cada diretoria, cada presidente, os planos de trabalho que têm, o planejamento. Isso é importante para todos nós.

Eu lamento muito que nesta quinta-feira a sessão tenha começado às 9 horas da manhã. Para quem não sabe, nós temos que estar no plenário já começando a votar e marcando presença, haja vista que ontem nós saímos daqui mais de 10 horas da noite. Mas eu queria focar em algumas coisas que eu acho fundamentais.

Primeiro, quero dizer ao nosso companheiro Ademar e aos demais aqui que tudo depende de cada um de nós. Eu acho que toda responsabilidade depende de cada um de nós. Nesse momento que vencemos o Brasil, nós precisamos, primeiro, estar unidos — não só esta Casa, mas também as federações —, abrindo à participação e buscando aquilo que é fundamental.

Eu tenho defendido aqui nesta Casa, nesta comissão, um aspecto diferenciado. Nós falamos em esporte de alto rendimento, na conclusão que eu chamo das etapas, mas me preocupa muito a questão da formação de novos valores. É importante dar manutenção para aqueles atletas que se destacaram, que já estão ranqueados ou que têm oportunidade de disputar uma Olimpíada ou uma competição muito maior. Mas, eu volto a dizer a vocês, que uma grande questão é formarmos novos atletas. Com isso nós damos oportunidade para novos talentos, com isso nós damos força para que nós possamos propagar em cada cidade, em cada Estado, o esporte que vocês presidem, que é fundamental, e com isso nós inserimos na sociedade aqueles talentos que, às vezes, são esquecidos ou não têm a oportunidade que os atletas tiveram de poder seguir carreira. Quero dizer também que eu me coloco à disposição de vocês para conversar nesse sentido a fim de que nós façamos uma discussão e avançar.

Vou fazer aqui algumas observações e também algumas sugestões. Permitam-me andar nesse prima. Primeiro, vou falar sobre remo. Quando nós



falamos sobre remo, nós voltamos atrás e percebemos que o remo é um dos esportes que mais tem contribuído, porque tudo começou pelo remo. Hoje eu olho o Vasco da Gama e tem o remo. Eu sou do Estado do Pará e lá tem o Clube do Remo. E assim é pelo Brasil afora. Eu acho que o remo é um esporte que devia e deve crescer mais. No Estado do Pará, nós temos uma quantidade imensa de rios em que nós podemos praticar esse esporte. E eu queria perguntar a V.Sa. qual é a atuação do remo no Estado do Pará, se tem federação, se tem programa, se tem planejamento. Se há dificuldade, eu não vou perguntar, porque eu sei que há, mas eu queria me colocar à sua disposição para que nós pudéssemos nos somar. Eu acho que é importante que vocês sejam presidentes, como são. Alguns presidentes vêm aqui já há 4 ou 5 mandatos, mas acho que é importante começar a ter nova ideia, novo direcionamento, até porque a modernização hoje neste País requer que nós tenhamos a certeza de que precisamos expandir as ações e até abrir para que nós pratiquemos cada vez mais o esporte.

Eu vou fazer algumas perguntas, Sr. Presidente. V.Exa. poderia anotar, e eu gostaria de ter a resposta depois, porque eu tenho que ir para o plenário e ainda tenho que ir a outra Comissão.

Eu fiz questão de vir aqui para prestigiar o Deputado João Derly, que é um grande companheiro aqui que tem defendido vocês com uma agressividade muito grande e com diplomacia e respeito, mas eu queria deixar para o Dr. Edson esta pergunta: o que há no Brasil no tocante a planejamento? O que há no Estado que represento — o Pará —, haja vista que o potencial para a prática do seu esporte lá é imenso? Além disso, quero dizer que nós precisamos juntos planejar alguma coisa. Eu estou à sua disposição.

Quero também perguntar aos três: vocês têm nomes que possam nos informar de cada federação de vocês hoje que vocês achem que são expoentes que possam buscar uma medalha, buscar um pódio, buscar alguma coisa melhor? Segunda pergunta: o que vocês têm feito para fortalecer a formação de novos valores? Eu gostaria de saber se vocês têm um planejamento, se vocês estão avançando, se vocês conseguem buscar cada vez mais esse planejamento.

Além disso, eu queria fazer uma contribuição para vocês. Eu cheguei a este Parlamento e conheci a Lei de Incentivo ao Esporte. É importante que vocês a



estudem — se não a estudaram ainda — e conversem com cada Estado em que vocês têm representantes, porque essa lei vem preencher uma lacuna que nós temos, que é a falta de recursos. Eu sei que o Ministério passa o recurso para vocês — pode não ser o necessário, mas passa —, mas vocês podem pegar associações do esporte de vocês, vocês podem pegar em cada cidade, em cada Estado, os interessados, fazer o projeto e cadastrar no Ministério para buscar esse incentivo, porque ele existe, o que nós precisamos fazer é usá-lo.

Só para terem uma ideia, nós levamos para o Estado do Pará essa discussão e lá havia umas 80 entidades interessadas. Já cadastraram quatro projetos. Não é muito, mas para mim é, porque, quando eu vi uma exposição aqui do Ministério, a minha Região Norte não tinha liberação alguma desse recurso. Então, às vezes, não é que nós não queiramos, é que nós não temos conhecimento. Não é que nós não tenhamos vontade de fazer.

Esta é uma sugestão para vocês. A crise é administrada por cada um de nós. Cada um tem uma crise e, sendo financeira, ela persiste todos os dias conosco. Essa lei é importante, porque vocês podem usá-la para incentivar a prática do esporte que vocês presidem em cada cidade, em cada Estado. Eu quero deixar essa contribuição, como também o Deputado João Derly.

Voltando a dizer, eu levei para o Pará e já levaram para uns quatro ou cinco Estados essa lei, divulgando-a, difundindo-a, demonstrando que ela existe, porque o que nós não podemos — nem eu, nem vocês, nem ninguém — é nos acomodar dizendo que há dificuldade.

Eu acho que o nosso grande perfil, a nossa grande iniciativa é buscar a solução, porque a crise existe, mas nós temos competência e conhecimento para superá-la. Eu tenho dito que é num momento de crise que nós mostramos nossa capacidade. Quando há muito dinheiro, está tudo bem, não é? Nós queremos gastar e prestar conta, não é verdade? Então, é importante que nós possamos caminhar nesse sentido.

Eu sou do Estado do Pará — volto a dizer —, tenho orgulho de ter vindo aqui representando esse Estado. No que eu puder contribuir para intermediar alguma ação, alguma conquista, estou à disposição. Mas volto a dizer a vocês: cuidem dos atletas de ponta, mas também façam projeto para os atletas que precisam de



oportunidade. Eu sei que vocês são capazes, têm conhecimento, são pessoas experientes em cada segmento desses. Aqui quem menos fez chegou perto do Deputado João Derly com uma ou duas medalhas.

Então, vamos rever a situação, vamos buscar um conceito novo para cada um de nós. Qual é o conceito novo? É fazer uma análise do que nós fizemos e do que nós podemos fazer para avançar. Eu acho que esta Comissão e esta Casa vão estar sempre de portas abertas para encaminhar e ajudar em novos projetos. Eu acho que esse é o nosso papel.

E eu queria me colocar à disposição de vocês como Parlamentar. Quero dizer que eu tenho que ir para outras Comissões, mas gostaria de pelo menos receber alguma resposta.

Meu companheiro Edson, vamos fazer uma ação no Pará. Lá eu consigo rio para poder navegar sem pagar nada. Então, vamos fazer uma ação, vamos ver quem está lá, vamos chamar, vamos motivar, vamos conversar. Porque hoje em dia nós não podemos ter só a função, nós temos que usá-la a bem da população.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Deputado.

Vamos fazer uma rodada de perguntas. Deixem-me também fazer as minhas e depois abrir a todos.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Sr. Presidente, V.Exa., que é um homem gentil e diplomata, (*risos*) poderia me conceder a oportunidade de ouvir as respostas? Isso porque o seu amigo aqui tem que ir a outra Comissão e V.Exa. sabe que se eu pegar falta aqui o pessoal do meu Estado pensa que não estou trabalhando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Então, nós vamos acatar a sua solicitação, Deputado Hélio leite.

(Pausa prolongada.)

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JÚNIOR - Bom, o Estado do Pará tem um dos remos mais vibrantes do Brasil. A disputa entre Tuna Luso, Paysandu e Clube do Remo é forte. Eu já estive lá pessoalmente em eventos além da Copa Norte-Nordeste, que realizamos no começo do ano lá. A disputa tem feito o papel de descobrir talentos e, na seleção brasileira, nós temos atletas do Pará. Aliás, temos até um dos melhores — passou pelo campeonato paraense, é um amazonense, mas



passou um bom tempo no Pará —, que é o Ailson Silva. Ele se destacou no remo do Pará, que é muito mais vibrante que o do Amazonas.

Na seleção brasileira, nós temos dez federações representadas, das 14 que têm filiadas. Então, é bem heterogênea a nossa seleção. Nós temos buscado, junto com os clubes, fazer com que eles obtenham essa fonte de recurso para, então, trabalhar na captação e formação de atletas. Esse é um trabalho que nós temos feito de treinamento para que eles possam ter o conhecimento para utilizar as leis de incentivo.

Poucas entidades participam da Lei de Incentivo ao Esporte, porque ela é bastante burocrática e exige que a entidade tenha um suporte de pessoal para fazer todo o acompanhamento: desde a elaboração do projeto até a aprovação, captação dos recursos e, depois, prestação de contas. Então, isso muitas vezes dificulta pequenos clubes, federações que não têm estrutura mínima para fazer todas as fases do projeto.

Quando se fala em nomes para medalhas que V.Exa. pediu-me para falar, nós temos um destaque no remo brasileiro que é a Fabiana Beltrame. Nos últimos 4 ou 5 anos, todo ano, ela tem conseguido medalhas em Copas do Mundo acho que seis ou sete vezes, e em campeonatos mundiais duas vezes já, mas ela participa de uma categoria não olímpica. A categoria olímpica é uma dupla feminina peso leve, e ela tem sempre dificuldade de arranjar uma parceira ao nível dela. Nós temos outras meninas jovens, mas que não estão no nível dela; estão próximas, mas não estão no nível dela.

No paraolímpico, nós temos a Josiane, de Santa Catarina; o Michel, do Rio de Janeiro; a Cláudia, de São Paulo; e o Rene, da Bahia. Todos eles têm grande chance de buscar medalha nos jogos paraolímpicos.

Eu queria dizer que o Pará está bem representado no remo brasileiro, e nós estamos juntos com o Pará buscando alternativas para fortalecer o remo lá.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Dr. Edson, se você me permitisse, se precisar que eu me reúna com o seu federado lá, eu estou à disposição para poder fazer uma discussão, organizar, fazer um planejamento e buscar como é que nós podemos auxiliar. O nosso interesse é fazer crescer, formar, pulverizar as ações lá. Hoje eu sei que existem o Remo, o Paysandu e o Tuna Luso, que disputam as



competições lá, já é uma tradição muito grande, mas eu acho que eu, você e o Ministério do Esporte temos obrigação de expandir, haja vista o potencial grande de lá e nós precisamos buscar esse mecanismo.

Eu vou para lá hoje à noite. Estarei lá sexta, sábado, domingo e segunda. Quero deixar um cartão meu, para você fazer contato com alguém de lá, para o caso de precisar reunir para trocar uma ideia. Às vezes, unidos, nós conseguimos avançar cada vez mais. Eu estou me colocando à sua disposição, à disposição do pessoal do remo do Estado do Pará.

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JUNIOR - Agradeço muito. Eu vou passar o nome do representante para ir te procurar lá, então. O Luciel Caxiado que é o Presidente da Federação do Pará.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Eu que posso procurá-lo amanhã de manhã já.

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JUNIOR - Claro, obrigado. *(Riso.)*

(Pausa prolongada.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Bom, vou passar algumas perguntas para cada Confederação.

Primeiro, querem saber se cada confederação pode disponibilizar o valor de repasse da Lei Agnelo/Piva.

Uma pergunta agora para a Confederação Brasileira de Vela, especificamente: há quantas competições? São seis etapas no circuito mundial? Não ficou bem claro.

Depois, nós te passamos a palavra para fazermos a rodada de respostas.

Esse investimento que é feito hoje, com média de 350 mil reais por etapa, é gasto em quê? Quando é gasto? Hoje, a média é de 350 mil por etapa. Isso é gasto com hospedagem, transporte dos barcos, para entendermos um pouco melhor como funciona esse investimento.

Chama categoria a classe que ainda não tem definição para sabermos quais são os atletas que estão em disputa nessas classes e também para saber os que estão representando cada classe. Isso se estende as outras Confederações. Podemos conhecer um pouco mais os atletas.



Quais as metas — não ficou claro — da vela? As chances de medalha em sete categorias. Mas, objetivamente, *essa aqui estamos apostando realmente...*

Foi falado aqui sobre o apoio de barcos, equipamentos. Sabermos qual o apoio específico mesmo da Confederação e os técnicos que têm os atletas se são pagos pela Confederação.

Outra coisa, já entrando também uma pergunta do João Carlos, do Rio de Janeiro, sobre a Baía de Guanabara, se está adequada para as provas de vela. A pergunta é para o Sr. Marco Aurélio de Sá Ribeiro: por que tiraram a competição do lugar em que os brasileiros teriam mais chance de levar para o mar aberto, onde os estrangeiros têm mais chances...? Ficou um pouco confusa a pergunta, mas entendeu... Acho que a pergunta que iria fazer era nesse tom.

E para o Sr. Edson Altino Pereira Júnior, Presidente da Confederação Brasileira de Remo, como está a situação das águas da Lagoa Rodrigo de Freitas para a competição do remo?

Passando para a pergunta também do remo, que tenho uma experiência meio ingrata, já virei um Four Skiff (*Risos.*) Tinha me amarrado todinho. Depois para soltar foi duro. (*Risos.*) Lá, em Porto Alegre, com o Cabeça, com o Macarrão fizemos uma troca. Os judocas foram remar, depois os remadores foram lutar judô conosco. (*Risos.*) Apanharam lá até das mulheres. (*Risos.*) Mas foi uma experiência única, vê-se a complexidade de cada modalidade. Foi sensacional!

Saber um pouco sobre a Lei Agnelo/Piva, os valores da Lei Agnelo/Piva.

Sobre os acampamentos de treinamento. Quando teremos até lá os Jogos Olímpicos. A mesma coisa não, os atletas, as categorias que temos categorias ou que temos chance ainda.

Sobre os materiais importados. Qual o grande problema dos materiais?

Sei que tem uma lei de isenção de IPI, se não me engano, para equipamentos importados para Confederações, e essa lei está encerrando no final deste ano. Estamos também articulando, junto com outros Deputados em MPs, assim como foi a Lei de Incentivo, para que se consiga garantir também um tempo maior e, se possível, até deixar sem prazo.

Quero falar sobre o local de treinamento.



Desculpa a minha ignorância, mas não sei qual o local de treinamento que o remo geralmente faz. Só para entendermos por que essa troca...

Vamos passar um pouco para a Confederação de Tae-kwon-do.

São oito categorias. No judô, por exemplo, são 14. Temos 14. E o judô pode classificar-se nessas 14 categorias. Por que no Tae-kwon-do não pode isso? Um pouco também da falta de informação. E por que o Brasil vai ter... Bom, país-sede já tem número de quatro em vagas. Por que não as oito?

Quero falar sobre a Coreia que tem direito a mais vagas.

Quais as questões políticas, que entraves internacionais? Qual é a briga? Por que acontece isso?

O formato seletivo é a melhor maneira de tirar o nosso atleta? Porque, no judô conseguimos melhorar um pouco essa avaliação de quem representa o País. No confronto direto, muitas vezes, o atleta estudava o seu adversário. Então, se eu fosse o número 1 do País e entrasse num confronto direto; então fazia longas seletivas, muitas vezes, e depois fazia uma melhor de cinco, houve época em que foi melhor de sete lutas. Você fazia uma infinidade de lutas contra o adversário. Aí, muitas vezes, alguém se preparava. Conseguia ganhar daquele adversário; mas, lá fora, não conseguia ganhar dos seus adversários. Este sistema é a melhor alternativa? Depois que o judô começou a ter um ranqueamento, começou a ter competições no exterior, fazendo uma avaliação e não só o confronto direto; isso acabou ajudando a ter uma escolha melhor. Não sei se essa é a opinião dos senhores.

Quanto aos objetivos, queremos saber os nomes de quem tem chance nos jogos.

E o caso do Anderson Silva, eu acho importante nós tocarmos nisso, após a suspensão dele no UFC, ele estava se preparando, tentando a vaga, para entendermos um pouco mais do que acontece no caso do Anderson Silva.

Essas eram as minhas perguntas. Vamos fazer uma rodada de respostas, depois abriremos a palavra aos senhores.

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - Muito bem. Em relação à Lei Piva, só para esclarecer, os recursos oriundos da Lei Piva para a Confederação são 3 milhões e 900 mil reais. Esses são os recursos anuais.



Quero também lembrar, como bem lembrou o Edson... Eu esqueci, cometi algumas omissões importantes. Não falei do apoio da Marinha do Brasil à Confederação Brasileira de Vela. Ela tem apoiado bastante, assimilando alguns dos nossos atletas e até apoiando financeiramente algumas iniciativas desses atletas. Foi uma falha minha não ter falado a respeito disso, bem como do Bradesco, que é o nosso patrocinador oficial e que também acreditou desde o início. Ele aporta um volume razoável de recurso à nossa...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - O valor? São 2 milhões e 400 mil, pela Lei de Incentivo ao Esporte. Tem quase 2/3 do valor da Lei Piva, praticamente. É um volume bastante grande. E foi muito interessante, porque eles acreditaram em nós desde o primeiro momento. Não sei se cabe, mas é sempre bom reconhecer o patrocinador que está investindo no esporte.

Quero também lembrar uma coisa que o Edson lembrou e que o Deputado lembrou. Realmente é uma luta, uma contribuição enorme que esta Câmara pode fazer por nós é em relação à importação de fato. Temos que lutar para que possamos continuar. São produtos que não justificam se ter uma indústria nacional. Não tem escala. Não tem qualidade para fazer aqui na escala o que é feito lá fora. E não é um volume tão grande assim de importação, mas a isenção para nós é fundamental, senão o equipamento fica completamente inatingível.

Sobre o circuito mundial, nós temos 4 etapas do que nós chamamos Copa do Mundo e 4 etapas eliminatórias das etapas da Copa do Mundo. Então, se o atleta não está ranqueado entre os primeiros do mundo, ele tem que correr a eliminatória, para depois correr a etapa. São 8 competições internacionais, nenhuma delas no Brasil. Além disso, há os campeonatos mundiais de cada categoria. Quando nós vemos um atleta nosso de ponta, ele, pelo menos, faz 10 competições internacionais por ano. Ele faz o mundial, faz o europeu e mais essas etapas do circuito mundial.

Explicando a composição desses gastos. Basicamente é a passagem aérea, a hospedagem, o aluguel ou o transporte de barcos, a compra de equipamento, porque o que chamamos jogo de vela usado em barco dura, normalmente, um campeonato. Depois ele serve para treino, mas normalmente dura um campeonato. Você normalmente tem que comprar o equipamento. Você tem também o



deslocamento de uma estrutura enorme, uma logística. Cada atleta tem um bote a motor atrás dele, com um técnico. Esse bote também precisa ser levado. No evento-teste, aqui no Rio de Janeiro, havia mais bote a motor do que barco à vela. Cada um traz o técnico, tem o bote dos juízes e tudo mais. Então, muitas vezes, nós contratamos alguns técnicos especificamente para aquele evento. E essa é a composição desses gastos.

Em relação à Olimpíada, qual é a situação hoje? Eu vou responder quem vai e, ao mesmo tempo, as chances, pode ser? Então, vamos começar por quem já está decidido. Vou falar das categorias individuais primeiro: categoria laser, Robert Scheidt. Já está decidido. Ele vai para a Olímpia, ganhou todas as competições. Nós temos outro excelente atleta chamado Bruno Fontes, de Santa Catarina, também *top ten* no mundo, mas, infelizmente, nasceu na mesma época em que Robert Scheidt. E Robert Scheidt ganhou um mundial neste período. Está sempre entre os primeiros e é uma das chances reais. A meta é o Robert Scheidt ganhar uma medalha na Olimpíada. É uma das medalhas em que nós acreditamos. Ele merece ganhar, por ser uma olimpíada no País dele. E eu acho que ele está bem focado nisso. Ele está sempre entre os primeiros.

Na classe laser feminino, foi definida a atleta Fernanda Decnop como a representante do Brasil nas Olimpíadas. A Fernanda Decnop é uma atleta em franca ascensão. Ela foi medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos. Ficou em 8º lugar no evento-teste, no Rio de Janeiro. Então, hoje, ela é *top ten*. Se ela ficar entre *top ten* na Olimpíada, essa é a nossa meta. Do jeito que ela vem evoluindo, quem sabe? É uma atleta que surpreendeu bastante.

Na prancha à vela masculino, está o Ricardo Winicki, o Bimba, de larga data. Ele já está indo para a sua quinta Olimpíada. É um excelente atleta. Foi medalha de ouro no Pan. Está entre os cinco... É o vice-líder do *ranking* mundial da prancha à vela. Então, o Ricardo Winicki é um dos atletas em que nós acreditamos que nos traga uma medalha nos Jogos Olímpicos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Presidente, deixe-me interrompê-lo. Eu conversei com o Bimba. Eu tenho uma amizade muito grande com ele há um bom tempo. Ele comentou que os atletas estrangeiros — já entrando um pouco naquela pergunta do João Carlos aqui do Rio de Janeiro —, muitos estavam



tentando até retirar da Baía de Guanabara, para jogar no mar aberto e ficar um pouco mais competitivo. Mas ele comentou que os principais atletas que estarão nos Jogos Olímpicos, há mais ou menos um ano, um ano e meio, já estão treinando na Baía de Guanabara, para poderem se preparar. Isso é verídico?

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - Eu diria até aqui algumas equipes internacionais, neste ciclo olímpico, já treinaram igual ou mais que nós na raia. O nosso atleta, como eu falei na minha exposição inicial, ele é obrigado a correr atrás de resultado lá fora, para poder ter *ranking* mundial, para poder estar no Bolsa Atleta Pódio. Então, o nosso atleta é forçado a ir ao exterior, enquanto o estrangeiro fica aqui treinando. No primeiro semestre do ano que vem, o nosso atleta vai passar 4 meses no exterior, no ano da olimpíada, numa olimpíada que é no Rio de Janeiro. Mas ele precisa gerar esses resultados, porque o critério de concessão do Bolsa Pódio é o ranqueamento mundial. Então ele tem que gerar esse resultado. E, para ele, é muito importante essa contribuição do Bolsa Pódio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Isso interfere? Se tiver uma mudança no Bolsa Pódio sobre a questão de se manter os atletas sem fazer o treinamento dentro da raia e se ficarem sem competição, isso interfere? É bom, é positivo?

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - Positivo, seria uma excelente alteração. Eu acho que é interessante que o Bolsa Pódio agregue eventos nacionais e, de alguma forma, desonere — eu não sei se no remo e no *tae-kwon-do* é assim, mas na vela... — a confederação, que se sente até obrigada a mandar este atleta para o exterior, e ele também. Você é um atleta e sabe muito bem que tem que ter pico de preparação. Ao se fazer um atleta competir 10 competições internacionais no mesmo ano, a noção de pico de preparação dele fica um pouco... E ele tem que ter performance; porque, se ele não está no *ranking*, perde o acesso ao Bolsa Pódio. O que o Ministério fez e que foi muito bom, uma concessão interessante que o Ministério fez foi adotar o critério olímpico na concessão do Bolsa Pódio por país e não por posição absoluta no *ranking*. Então, você tem que estar entre os “x” primeiros países. Isso já melhorou um pouco para nós. Antigamente, eram os primeiros em termos absolutos. Aí, se você tem seis ingleses bons, o seu atleta já fica numa posição...



Então, continuando a resposta, na RSX feminina, na prancha à vela feminina, nós temos a Patrícia Freitas, outro fenômeno. Ela foi medalha de bronze numa das etapas da Copa do Mundo. Ela foi medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos. Há perspectiva de medalha forte com Patrícia Freire. É uma atleta em ascensão, jovem. É a renovação. Ela tem treinado com o Bimba. Os dois têm cooperado bastante. E, com a experiência dele mais a garra dela, eu acho que vem alguma surpresa boa por aí.

Na classe *finn*, nós temos já definido o Jorge Zarif como representante do Brasil nas Olimpíadas, também com boas chances de medalha, porque foi campeão mundial recentemente. As condições de vento do Rio de Janeiro são as que o favorecem. Então, muitas vezes, também esse tipo de extorsão pode acontecer na vela, ao contrário do judô, em que o tatame é mais ou menos o mesmo, não é isso? Na vela, vai haver o mundial da classe *finn*, na Nova Zelândia, por exemplo, agora, provavelmente, o Jorge Zarif não vai ter uma classificação no topo desse mundial, por quê? Porque as condições de vento da Nova Zelândia são de ventos fortes. Não são as condições dos ventos que haverá na Olimpíada aqui no Rio de Janeiro. Ele vai para lá, eu acho até que vai obter um bom resultado; mas, provavelmente, não vai fazer o pódio no Mundial da Nova Zelândia, por quê? Porque é muito vento. Ele está magro. Ele está se preparando para as condições locais. Então, Jorge Zarif é mais uma perspectiva real. A meta dele é medalha. Tanto ele, quanto o Robert, quanto o das duas pranchas; a meta deles é a medalha.

Essas são as cinco categorias individuais da Olimpíada. Vamos falar das categorias em dupla, a começar pela classe 470 feminino. Na classe 470 feminino, nós temos a Fernanda Oliveira, medalha de bronze nos jogos de Beijing — sua conterrânea —, uma das líderes do *ranking* mundial da classe 470. Ela já ganhou a etapa da Copa do Mundo este ano. É uma das favoritas para o mundial deste ano. Não precisa dizer mais nada. Esperamos que ela consiga ganhar uma medalha também em 2016. Ela merece. E ela quer.

A classe 470 masculino é uma das situações que vai ter eliminatória. E está entre o seu conterrâneo Geison, é a dupla Geison e Gustavo, e a dupla Haddad e Bruno Bethlem, do Rio de Janeiro. Os dois têm andado muito próximos. Os dois são



excelentes velejadores. Os dois já têm títulos. O Bruno ganhou três medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos, mas mesmo assim não se definiu.

Não temos expectativa de medalha para a classe 470. Esperamos que façam um excelente resultado, mas não temos masculino, no feminino, sim.

Na Classe 49er FX, Martine Grael e Kahena Kunze simplesmente ganharam tudo. Eleitas as velejadoras do ano pela Federação Internacional de Vela ano passada, elas simplesmente ganharam tudo, inclusive o evento-teste. Qual é a expectativa em relação a elas? Expectativa provável de medalha. Elas ganharam simplesmente tudo. Renovação, elas são jovens, com sobrenome que só aumenta a responsabilidade, mas são atletas fantásticas.

Na classe 49er masculino, há outra situação de eliminatória. Não tem um nome definido. Está entre a dupla Dante Bianchi e Thomas Low-Beer *versus* a dupla Marco Grael e o proeiro dele, chamado carinhosamente de “Coveiro”; está entre essas duas excelentes equipes, com excelentes atletas.

Nós acreditamos em um ótimo resultado nas Olimpíadas, mas não em medalhas. Acho que não temos essa previsão para a categoria.

Por último, a Classe Nacra, que é uma classe nova, que está estreando nas Olimpíadas. Essa é uma classe mista, que ninguém sabia direito se era o homem que iria à frente e a mulher atrás ou a mulher à frente e o homem atrás. Então, é uma categoria totalmente nova. O Brasil não tinha a menor experiência nessa categoria.

Haverá eliminatórias. Não vou nem dizer quem são os candidatos porque há 6 tripulações com chance de ganhar a vaga, está muito disputada. O barco é novo, ainda estamos aprendendo a andar com o barco. Lamentavelmente, é a categoria em que temos a menor chance de ter uma performance adequada nas Olimpíadas. Podemos ter uma surpresa. Estamos investindo nessa categoria.

Com isso eu terminei as metas. Em relação ao que a confederação paga, como apoio, para o atleta, normalmente são os barcos. O atleta recebe barcos. Hoje a confederação tem, em conjunto com o COB, com convênios, mais de 50 embarcações. Como apoiamos os atletas no ciclo inicial, nós compramos 1 barco para cada atleta. Tínhamos 2 atletas no mínimo em cada categoria.



Então, nós fornecemos os barcos; fornecemos toda a logística; possuímos uma base na Europa para guardar esses equipamentos e diminuir o custo logístico; pagamos a maior parte dos técnicos — os técnicos são pagos com carteira assinada, então, isso consome uma parcela gigante do nosso orçamento. Para se ter uma ideia, do nosso apoio direto ao atleta, 42% é a folha do técnico, 42%! A maior parte desses recursos vem pela Lei Piva. Só os técnicos estrangeiros que são contratados diretamente pelo Comitê Olímpico Brasileiro. A maior parte dos técnicos é pela Lei Piva. Temos uma parte também com lei de incentivo. Nós fizemos um projeto de lei de incentivo para ajudar a pagar esses técnicos. É um volume grande de recursos que se paga em um técnico desse.

Fora isso, toda a parte de logística, passagem e hospedagem sai direto pela confederação também. Os botes nos quais os treinadores vão atrás dos atletas também são pagos pela confederação. O combustível também é pago pela confederação. O atleta treina lá todos os dias.

A CBVELA tem uma luta internacional pelo meio ambiente e pela proibição do uso desses botes em competições. Essa é uma luta que eu o Torben Grael estamos levando à confederação. A ideia é diminuir o custo, e o esporte ficar mais verde. Hoje onde há um atleta, há um bota atrás. Vêm-se na Baía de Guanabara vários barcos a vela e vários botes. Nós estamos lutando para tirar isso do nosso esporte.

O atletas vão velejando e os técnicos ficam em um barco único, para todos os técnicos de todos os países. Já é assim no Mundial da Juventude. Uma coisa mais barata e mais lógica.

A última pergunta é em relação à Baía de Guanabara, que é o tema de que eu mais tenho falado nesses últimos anos. A curiosidade internacional e nacional é incrível sobre a Baía de Guanabara.

Eu vou falar só três coisas rápidas: primeiro, a Baía de Guanabara tem plenas condições de realizar os jogos, não há nenhum problema específico com ela. As pessoas vão me perguntar: “*como você fala isso?*” É fácil provar isso. Todo ano há uma competição internacional na Baía de Guanabara. Tivemos evento teste agora. Tivemos evento teste no ano passado. Todo fim de semana, 150 crianças vão velejar na Baía de Guanabara. Ela é testada *ad nauseam*. Ela é testada de todas as maneiras, todo fim de semana.



Então, não há problema nenhum com a Baía, a não ser os problemas de qualquer cidade grande. A poluição é um fenômeno de cidade grande. Não é por causa disso que vai se mudar de Brasília ou de São Paulo ou do Rio de Janeiro. Se o ar estiver poluído, vai se tentar melhorar o ar. As pessoas vivem lá.

A Baía de Guanabara está apta para a prática do esporte. Pode ser mais limpa? Claro que pode ser mais limpa. Deve ser mais limpa. É uma luta da confederação, trazer melhor qualidade da água da baía, mas ela está pronta para o esporte. Dizer qualquer coisa contrária a isso é violar todo um histórico de competições feito na Baía de Guanabara.

Em relação à vantagem dos times estrangeiros, o que acontece com a Baía de Guanabara do ponto de vista técnico? Ela não traz uma vantagem especial ao time brasileiro não. Quisera eu que trouxesse.

Vou dar números porque eu gosto de lidar com números. Desde 1978, um brasileiro não ganha uma competição internacional expressiva dentro da Baía de Guanabara. Então, se isso beneficia brasileiro, está difícil! Nós já realizamos inúmeros campeonatos mundiais na Baía de Guanabara desde 1978.

Lembrando que, mesmo nos Jogos Pan-Americanos de 2007, o Robert Scheidt, no auge da forma, não conseguiu ganhar a medalha de ouro dentro Baía de Guanabara. Então, ela é uma das raias mais complexas do mundo. Vence o melhor. Vai vencer o melhor.

Por que algumas equipes queriam levar para fora da Baía de Guanabara? Não era pela vantagem dos brasileiros, era pela vantagem que elas têm porque, fora da Baía de Guanabara, é meio como circuito oval de corrida de automóveis ou como um circuito só de retas. Lá fora, a velocidade faz muita diferença, e não só a técnica. As equipes que têm mais dinheiro para desenvolver material e têm os velejadores mais velozes, por conta disso, preferem fazer a regata do lado de fora. Do lado de dentro é como um circuito de rua de automobilismo. Dentro da Baía de Guanabara vai vencer o melhor, é Mônaco com chuva.

Então, não é que vai beneficiar o brasileiro, vai beneficiar o bom velejador brasileiro assim como vai beneficiar o bom velejador estrangeiro. Não há uma vantagem específica.



Hoje isso já está pacificado entre as equipes, inclusive a equipe inglesa. Todas elas já emitiram comunicados oficiais dizendo que estão plenamente satisfeitas com o local da regata.

Sem querer me estender mais, eu acho que é isso. Se faltar alguma coisa, é só me perguntar depois. Muito obrigado.

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JÚNIOR - Com relação a recursos, a Confederação Brasileira de Remo recebe da Lei Piva 2 milhões e 800. Esse valor é distribuído em cerca de 15% para manutenção da entidade; 45% em participação em competição e acampamento de treinamentos; 15% em cursos de técnicos, árbitros e outros cursos de preparação e formação de dirigentes também; 25% em equipes permanentes, técnicos, médicos, fisioterapeutas e profissionais de manutenção de equipamentos.

Também temos um suporte do Bradesco para aportar recurso em lei de incentivo. A nossa lei de incentivo foi toda voltada para aquisição de equipamentos. Agora com o dólar mais caro, nós vamos conseguir menos equipamentos do que o esperado.

A lei de incentivo, como disse antes, tem dificuldade de atender os clubes e as federações que não têm a estrutura necessária nem o retorno de mídia que a empresa que aporta recursos espera.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - A CVC não tem feito um aporte de recursos a clubes formadores? Se não me engano, acho que o União recebeu barcos.

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JÚNIOR - Sim. O União de Porto Alegre foi beneficiado, se não me engano, com 35 barcos novos este ano. Por isso também é um dos nossos principais centros de treinamento. Há alojamentos para os atletas. A maior parte dos nossos acampamentos é lá no União. A maior parte dos nossos acampamentos ficam lá no União. Em termos de equipamentos, eles estão bem. Outros clubes do Brasil, como Flamengo, Vasco, Pinheiros, estão buscando comprar equipamentos através da CBC.

Quanto às competições internacionais, por ano, há um sul-americano, 3 Copas do Mundo e três Mundiais. Mundiais de Júnior, Sub 23 e Sênior. Tudo isso aí a Lei Piva tem que atender.



Os acampamentos de treinamento são mensais, variam de categoria: Para Remo, Júnior, Sub 23 e Sênior. Então, todo o mês há algum acampamento, alguma equipe que treina em algum local, suportado pela Confederação.

A Confederação tem 38 barcos. Fornece aos atletas, remos, lancha, técnico, alojamento, alimentação, transporte interno, uniforme e viagens de deslocamento do lugar da residência até o local de treinamento, quando o acampamento é fora do seu local de residência. O atleta só vem com a vontade, o resto é conosco.

Com relação à lei de isenção de impostos para importação, estamos tendo muita dificuldade de utilizá-la. Alguns dispositivos a limitam a valores baixos. Os remos têm valores mais baixos, podem ser adquiridos com essa lei, mas os barcos têm valores altos.

Eu acho que a lei precisa ser ajustada para atender a essa compra de barcos. É muito importante conseguirmos. Como o nosso Presidente da Vela disse, não existe demanda para uma fábrica de barcos de competição se manter no Brasil. Nós temos dois ou três fabricantes. Alguns deles funcionam junto com o clube de remo, são artesanais, fabricam barcos para iniciação, para prática lúdica. São barcos de fibra de vidro, com baixa tecnologia, porque os de alta tecnologia não dão retorno financeiro para uma empresa se estabelecer no Brasil. Vários já tentaram e fecharam.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Quanto custa um barco de alta performance?

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JUNIOR - Um barco individual, que é mais barato, custa cerca de 8 a 10 mil euros. O barco A-8, se eu não me engano, 30 a 40 mil euros. Existem barcos chineses que são um pouco mais barato, mas ainda ficam por volta de 6 a 7 mil dólares. Procuramos importar barcos para fomento, são barcos com menor tecnologia, mas que atendem aos clubes formadores.

Com relação às águas da Lagoa, na vela, existia certo sensacionalismo da imprensa, que publicava que era impraticável. Qualquer um que caísse na Lagoa ficaria doente, mas a Federação Internacional não entendeu que isso seja um risco ao evento. É claro que sempre tem que estar monitorando, tem que procurar melhorar a qualidade, fiscalizar o nível de poluição da Lagoa. Mas talvez o único



grande problema do evento teste, que foi realizado em agosto no Mundial de Júnior, foi a profundidade da Lagoa.

A Lagoa está assoreada, e as leis ambientais não permitem que sejam feitas dragagens. Quando foram instalar o partidor, ele nem afundava. Tinha que ter 3 metros, mas tinha 0,5 metro. Foi uma surpresa. Tentaram dragar, na véspera, não conseguiram. Tiraram um pouco, os barcos quase que saíam cavando ali, botando o remo na lama.

Foi praticamente o único problema que deu no evento teste. Mas conseguiram dar uma dragagem de emergência e conseguiram fazer o evento. Mas agora para o evento Olímpico está sendo feita uma dragagem, conseguiram uma licença para atender a isso. Falta estaqueamento para prender todas as raias. Como na natação, a raia de remo tem todo o balizamento. Falta a reforma do estágio para atender a todo o suporte de atletas que está sendo feita exatamente. Esta semana começou na própria sede da Confederação. Então, por isso teve que se deslocar a sede da Confederação.

Esta é a situação em que se encontra a Lagoa Rodrigo de Freitas: obra dentro d'água e fora d'água.

Para concluir, a nossa luta por medalhas.

As nossas metas na categoria paraolímpica já com três barcos classificados: o **double Mix**, um homem, uma mulher. Eles foram terceiro no mundial do ano passado, mas este ano quatro barcos chegaram com a diferença de menos de 1 segundo na medalha. Então, é disputadíssimo. Do primeiro ao sexto em 2 a 3 segundos disputa-se quem vai ficar do primeiro ao sexto. Basta uma remada errada dentro das 200 que tem, ser um de 150 remadas, 200 remadas, depende da distância. Uma remada errada pode tirar a medalha. Não pode ter erro nenhum.

No Skiff masculino temos o Rene, um atleta muito forte da Bahia, que também deve lutar por medalha, assim como a Cláudia, de São Paulo, deve lutar por medalha, porque ela já tem duas medalhas internacionais.

São três barcos paraolímpicos, duplo misto, Skiff masculino, Skiff feminino. Nos Jogos Olímpicos o nosso barco com mais chance hoje de classificação é o Skiff feminino peso leve. O Skiff masculino e o Skiff feminino pesado temos bastante vagas para disputar até na classificação Pan-Americana, que vai ser no Chile, em



março. E, por último, se não se classificar lá, ainda tem uma vaga para o masculino e para o feminino garantidos também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - *(Intervenção feita fora do microfone.) (Inaudível.)*

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JUNIOR - Nos Jogos Olímpicos são quatro atletas e no Paralímpico quatro também. Quatro a quatro.

Acho que era isso.

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - Permita-me, Deputado, falar rapidamente sobre dois pontos: sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas. Por parte da Confederação de Velas tinha uma preocupação grande.

A Lagoa é um lugar de prática de vela importante no Rio de Janeiro, grandes velejadores surgiram da Lagoa Rodrigo de Freitas. Temos uma preocupação, com relação ao dia depois das Olimpíadas, porque sendo colocadas várias estacas na Lagoa Rodrigo de Freitas, em virtude do remo... Claro, tem que colocar...

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JUNIOR - Na canoagem também.

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - O nosso medo é o depois... Retirar... porque senão vai fechar todo o local de prática importante da vela da Lagoa Rodrigo de Freitas se continuarem as estacas... A estaca é perigosa. A poluição... Eu velejo na Lagoa Rodrigo de Freitas. Já bebi muita água da Lagoa Rodrigo de Freitas e estou, pareço, em estado normal de...

Outro ponto importante. Não falei nada sobre a questão do Paralímpico. É melhor deixar claro, porque a Confederação Brasileira de Vela não respeita, nem apoia o Movimento Paralímpico. Mas existe outra Confederação específica para o Movimento Paralímpico, que é a Confederação Brasileira de Vela Adaptada, motivo pelo qual não falei aqui dos nossos atletas paraolímpicos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Vamos convidar, então, para vir representar aqui também.

O SR. ADEMAR LAMOGLIA - O.K. Peço desculpa, Deputado, porque realmente eu não trouxe as informações do repasse e o uso da Lei Agnelo/Piva, mas eu me comprometo em passar para o *e-mail* de V.Exas.

A segunda pergunta: competições internacionais.



Nós temos um campeonato sul-americano, um Pan-Americano, campeonato mundial, uma Copa do Mundo realizada a cada 2 anos e oito Opens, que são ranqueados, ou seja, conta ponto para o *ranking* mundial e são chancelado peça World Tae-kwon-do Federation — WTF, nossa entidade maior, que também conta ponto para o ranqueamento. É onde o atleta faz um planejamento em cima dessas competições para que, dentro dessa pontuação que ele consegue num *ranking*, ele seja convocado para a seletiva fechada, a nossa.

Quanto custa cada etapa nacional? Varia de local, de Estado e de número de atletas que são participantes. Vou estimar a faixa de mais ou menos 300 mil ou 350 mil por etapa.

E quais os apoios específicos que nós temos? Nós temos realmente, do COB, da Lei Piva, da PETROBRAS e da DAEDO, que são equipamentos esportivos de tae-kwon-do, que é uma parceria também com a CBTKD, algumas vezes, de patrocinadores locais, mas são pontuais, em alguns eventos. Esses são os apoios específicos que nós temos.

Os atletas são pagos pela CBTKD? Nenhum. Eles são pagos pelo patrocínio que tem da Lei de incentivo ao esporte e da Lei Piva, que são repassados pelo COB, que é a nossa grande parceira. E a equipe técnica é basicamente da Lei Piva, e a Lei de Incentivo ao Esporte também. Mas, digamos assim, esse são os pagamentos. A CBTKD não tem recursos próprios para fazer pagamento a atleta. Então, nós contamos sempre com a Bolsa Atleta e a Bolsa Pódio, através desses instrumentos que nós temos dessas leis de incentivo.

A dificuldade de importação de equipamentos. Nós temos poucos equipamentos, na maioria, são caros e são importados, que são os coletes, os protetores de braço, perna, genital, tronco e cabeça. E são protetores eletrônicos, que reagem ao toque. O Brasil não tem essa tecnologia; só a Coreia que fabrica. Então, realmente, nós temos também dificuldade nessa questão.

O local de treinamento. O nosso local de treinamento, quando se trata da seleção nacional, é o Centro de Rendimento, que fica situado no Rio de Janeiro. Então, lá que ficam reunidos os atletas para esse treinamento.

As vagas. Essas vagas é o seguinte. O tae-kwon-do, quando foi implantado nas Olimpíadas da Coreia, era um evento, uma espécie de um teste do tae-kwon-do.



E, infelizmente, como era teste, acharam melhor colocar poucos atletas, poucos participantes, a fim de melhorar, para fazer apresentação na Coreia, que é o País onde o tae-kwon-do se originou. Mas esse modelo continuou até hoje, que é o seguinte.

A Coreia, por ser inventora do esporte, tem quatro vagas e escolhe qualquer peso que acha que deva. No tae-kwon-do, nós temos 8 pesos, tanto no masculino quanto no feminino. E outros países participantes contribuem com dois atletas, também à escolha de cada país. Então, quem tem a prerrogativa de apresentar quatro atletas são unicamente o país sede e a Coreia. É um modelo ultrapassado, que a WTF reivindica que seja paritário, como nas outras modalidades, mas, por motivos políticos, ainda não se corrigiu essa deformidade na competição.

No judô, são onze pesos, Sr. Presidente? Quatorze.

Então, esse é o porquê das vagas.

A seletiva é a melhor solução? A seletiva, talvez, da forma como está sendo feita talvez seja a melhor solução hoje, porque a seletiva não é baseada de forma aleatória. Ela é baseada e convocada nessa modalidade através de ranqueamento, principalmente, de ranqueamento internacional.

Aí, nós temos duas seletivas baseadas nisso, porque, na data das seletivas, um atleta pode estar melhor do que o outro. Então, convocam-se três atletas para fazer essa seletiva por peso. O atleta tem duas chances de pontuar.

Isso não é cruel. Aquela questão de se estudar atleta é natural tanto em competição nacional como em internacional e é baseada, de certa forma, nessa seletiva. São duas etapas de seletivas, e são seletivas fechadas, só com os três melhores, e melhores ranqueados em nível internacional. Caso não se complemente o número, chama-se o melhor ranqueado no nível nacional.

Ou seja, foi o modelo que foi pensado, inclusive, nós tivemos inspiração até do judô, exatamente, para democratizar a participação de atleta com chance de participar internacionalmente e representar bem o Brasil.

A outra pergunta: quem tem chance? Isso é muito relativo e depende dos pesos que a Confederação vai apresentar. A intenção da Confederação é apresentar os pesos em que realmente o Brasil esteja melhor ranqueado, porque lá nós não consideramos nem o Top 10, é o Top Age, porque nós temos alguns atletas que



estão ranqueados nesse nível. Então, a nossa preocupação é de que os representantes saiam desse ranqueamento internacional.

Como a seleção não está pronta, não está convocada, eu ficaria prejudicado em apresentar os melhores nomes. Eu posso apresentar os nomes de alguns atletas que hoje são os melhores situados. Se você achar que deve, eu vou passar.

Então, nós temos Venilton Torre, do Acre; na categoria feminina, Iris Tang; temos Guilherme Dias, de Brasília, e o Henrique Precioso. Eu poderia falar pelo menos de uns doze que estão ranqueados internacionalmente. Mas eu resumi porque depois eu os passo. Nós tivemos, inclusive, 25 atletas ranqueados internacionalmente. Daí porque nós vamos fazer essa seletiva agora.

A situação do Anderson Silva. O Anderson Silva é um antigo praticante de tae-kwon-do, graduado no Paraná, Curitiba, que depois migrou para o MMA. Há uns dois anos, ele já foi agraciado com o título de Embaixador do Tae-kwon-do, porque nós vimos uma boa oportunidade de divulgação, e, como ele é alvo da mídia intensa, nós tivemos a ideia de divulgar, com a imagem dele, o praticante de tae-kwon-do. Nós não inventamos, não é *marketing*, é um *marketing* positivo.

A questão da convocação, de se aventar a possibilidade de representar o Brasil numa olimpíada. Isso foi lançado, mas, como todo atleta, ele passaria por um sistema de seletiva. Como ele estava suspenso do MMA, ele se propôs submeter-se às regras da Federação para não causar uma escolha privilegiada, que obviamente afetaria os outros atletas. Então, ele se propôs a disputar as competições enquanto ele estivesse suspenso e a participar das seletivas. Então, junto com ele viria também, logicamente, o apoio da mídia.

Só para exemplificar, quando ele fez o anúncio de que ele tinha intenção de participar da seletiva para a seleção, no dia em que ele fez a apresentação no Rio de Janeiro, a notícia foi veiculada em 164 países. É uma coisa que não podemos desprezar. Mas não se criaria nenhum privilégio para ele, ele passaria por todo o processo que todo e qualquer de tae-kwon-do passa para representar o Brasil. E ele tinha chances, porque ele tem um foco muito bom, tem uma concentração muito boa, e tem recursos técnicos. Mas, para ele ser escolhido, ele teria de passar por esse processo como um todo. Então, não foi uma situação política, foi técnica, porque ele tinha disponibilidade de tempo e é um taekwondista graduado.



Seria um prazer imenso para nós se ele passasse por todo esse processo e fosse membro da seleção olímpica de tae-kwon-do. Mas nós sabemos, né, mestre Buarque, que ele enfrentaria dificuldade, porque o peso dele é extremamente competitivo, não só no Brasil, como no mundo todo. Mas, para nós, seria uma honra ter um atleta com aquela capacidade de performance como ele tinha, como ele tem.

Hoje, o técnico e o empresário dele abriram mão, por uma série de situações, inclusive, no aspecto de exemplo. Em virtude daquela punição que ele teve na Comissão de Nevada, nós achamos que ficaria ruim um atleta daquele gabarito com uma mancha, com uma nódoa no currículo dele. Então, hoje ele não é candidato a participar de seletiva, vai continuar só com a graduação dele e vai fazer só o papel de Embaixador do Tae-kwon-do, basicamente nos Estados Unidos.

Nós vamos ter um evento teste, como já tiveram o remo e a vela, agora de 8 a 11 de outubro, realmente, para sabermos o que nós temos lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Esta Comissão será representada. Acho que, em todos os eventos testes, vamos ter revezamento dos Deputados para acompanhar os eventos testes.

O SR. ADEMAR LAMOGLIA - Podemos privilegiar algum? Então, nós convocaríamos o senhor para fazer essa representatividade junto ao tae-kwon-do lá. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Nós gostaríamos de estar em todos, mas os horários aqui são escassos para nós Deputados, por isso, nós estamos fazendo um revezamento. Fica mais fácil para os Deputados do Rio de Janeiro acompanharem, porque já estão no Rio de Janeiro. E, no caso dos de fora, fizemos um revezamento, cada um escolheu dentro das suas agendas, a possibilidade de participar de alguns.

O SR. ADEMAR LAMOGLIA - Ok. E, em termos de metas, realisticamente, como são só quatro atletas, nós temos como meta, no mínimo, uma medalha. Mas como nós somos um pouco pretensiosos, nós vamos buscar duas medalhas. É um sonho um pouco mais distante, porque virão mais de 500 atletas, mas nós sabemos que, em termos de capacidade técnica, nós temos condições de chegar bem perto. Mas uma medalha seria 25% da nossa participação, seria extremamente importante para nós. E vamos buscar, de uma forma um pouco pretensiosa, duas medalhas, o



que não é muito fácil, mas essa é a nossa pretensão na participação olímpica. E, se por acaso, algum dia, o COE resolver que o tae-kwon-do deve participar com todos os pesos, nossa chance de mais medalhas se eleva consideravelmente, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Pergunto se alguém gostaria de fazer uso da palavra? Peço que quem for usar a palavra se identifique.

O SR. DANIEL - Bom dia a todos. Obrigado pela oportunidade, Sr. Presidente.

Meu nome é Daniel, sou repórter do *Portal Uol* aqui em Brasília, pelo menos para a vela e para o remo. Eu faço todas de uma vez e, depois, eles respondem?

Bom, primeiro para a vela, eu queria que o Dr. Marco Aurélio pudesse explicar um pouco a questão que a Federação Internacional de Vela tem com o Brasil-FISA. Eu estive, em 2012, numa palestra do Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, em que ele disse que havia uma certa antipatia, talvez seja essa palavra muito forte, mas não existia uma simpatia entre FISA e Brasil. E, talvez até por esse motivo, a Classe Star, em que temos o Pelé da vela, como o senhor mesmo citou, tenha sido excluída do programa olímpico.

Eu queria saber como está essa relação Brasil e FISA e se isso pode de alguma maneira influenciar nos jogos olímpicos e no desempenho dos nossos atletas. Pelos resultados, nós vemos que está tudo bem, mas politicamente como isso funciona?

Eu queria que o senhor explicasse também a questão da ameaça constante, até antes de Londres nós ouvimos bastante isso, de que a vela estaria no limbo e poderia ser excluída dos Jogos Olímpicos, pois, para o público, é difícil para assistir; para a televisão, é difícil de transmitir, e é um esporte relativamente caro, como o senhor chegou a mencionar. Existe essa possibilidade de a vela ser excluída? Acho que para Tóquio já não dá mais tempo, mas talvez para 2024. O senhor tem informações a respeito disso?

Eu queria também que o senhor comentasse um pouco a respeito da Baía de Guanabara e o fato de, por exemplo, a equipe dos Estados Unidos já estar estalada, com uma base de treinamento em Niterói, se não me engano. Acho que eles estão lá desde 2012 ou 2013, e queria saber se existe uma troca de experiências, e o que os Estados Unidos tem feito nessa base de treinamento, em Niterói.



E, por último, gostaria que o senhor comentasse a respeito daquela questão que, no ano passado, foi muito polêmica, sobre a Bolsa Atleta, em que o pai do Presidente do Fluminense, já um senhor de idade, foi contemplado com Bolsa atleta. E a Bolsa Atleta, todos sabem, elas são avalizadas ou pelo menos confirmadas pela confederação de cada modalidade. O que aconteceu? Isso foi um erro, foi algo que passou batido? Gostaria que o senhor pudesse comentar.

E, para o remo, tenho algumas outras perguntas. Nós vimos recentemente, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou recentemente que o Vasco e Flamengo, que são as duas principais agremiações de remo, querem promover um boicote para o campeonato nacional, que vai ser realizado aqui em Brasília, se não me engano, no final de outubro, porque ele coincide com uma regata que já estaria marcada. Gostaria que o senhor comentasse isso.

Em entrevista com o Secretário Executivo do Ministério do Esporte, Ricardo Leyser, ele chegou a citar a modalidade do remo como uma das modalidades que tem tido mais dificuldade para se desenvolver e para ter projetos aprovados. Pelo que eu pesquisei, até também voltei a pesquisar no Portal da Transparência, acho que não existe nenhum convênio da CBR com o Ministério do Esporte. O que se passa com o remo brasileiro? Como isso está acontecendo neste momento em que todos estão trabalhando, se desenvolvendo e ganhando recursos para isso, para que possam chegar aos Jogos Olímpicos de 2016 e fazerem um bom papel.

E, por último, deixe-me ver se esta é a última para o remo.

Nós estamos passando por um problema, estamos passando não, nós já vimos de um talvez problema crônico de falta de renovação. A aposentadoria da Fabiana Beltrame está próxima. O João Derly deve tê-la acompanhado em outros Jogos Olímpicos de que participou, em Pequim. E ela também foi para Atenas e está indo aos jogos do Rio de Janeiro, nós esperamos.

O que se passa com o remo? Nós vemos que existe o patrocínio do Bradesco, o senhor mesmo citou que os remadores brasileiros são os que têm o maior número de recursos do mundo. Mas isso é investimento no pessoal? O que se passa como remo brasileiro para que não vejamos se desenvolver como a vela, que já tem um histórico muito grande, e o tae-kwon-do, que nós vemos que é uma



modalidade que tem recursos inferiores, mas que surge com opções, surge com títulos e surge com atletas com potencial. No remo, não vemos nada disso.

Basicamente era isso.

Ah, e, por último, a questão do centro de treinamento, acho que talvez a vela seja a única modalidade no programa olímpico dos jogos em que eles podem treinar no lugar, Naveno, no local em que será a competição. Todos os outros treinam em outro lugar. A Canoagem treina na Lagoa Santa, outro pessoal treina em Foz do Iguaçu. Se não existe, de repente, em Brasília, que tem um lago maravilhoso, a possibilidade de trazer a seleção brasileira para treinar e se fixar em outro lugar, que pode ser aqui em Brasília ou em outro lugar, para possa se desenvolver e não ser prejudicada pelos jogos. Porque, pelo que o senhor falou, os jogos estão mais prejudicando a seleção brasileira, que perdeu o local de treinamento, do que beneficiando, quando, na verdade, deveria ser o contrário.

Então, é isso, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JUNIOR - Bom, primeiro, com relação à primeira pergunta, o possível boicote do Flamengo e do Botafogo no campeonato brasileiro, porque o Vasco tem participado com poucos atletas, está com dificuldade financeira e com uma equipe reduzida, desde o ano passado participaram com um atleta só. Então, é o Botafogo Pin junto com o Flamengo participado com o maior número de atletas.

Toda essa polêmica se dá principalmente pela sede da Confederação ser na Lagoa junto com Flamengo e Botafogo, vizinho do Flamengo e Botafogo. A história do remo e da Confederação é a Confederação apoiando o Botafogo, o Flamengo, os clubes do Rio de Janeiro. A qualquer momento... Esse apoio não é como estão acostumados a receber. Hoje a Confederação teve que sair da sede para a conclusão das obras. Então, não temos autorização no Governo para utilizar a raia em obras. Isso foi justificado detalhadamente, cada ponto que levou a transferência do campeonato para Brasília. Mesmo assim, estamos buscando todo suporte para cada clube que tradicionalmente participa do campeonato brasileiro para que possam tomar parte. Até durante aqui a reunião estou recebendo mensagens de atletas perguntando de que forma eles podem ser apoiados, porque, no caso, os



clubes não têm orçamento para participar dos campeonatos. Então, temos que viabilizar de outras formas a participação desses atletas.

Nós também já tivemos este ano um campeonato brasileiro de barcos pequenos — Skiff 2.100 — no Rio de Janeiro, que foi junto com a seletiva em março. Isso também já teve uma disputa de campeonato brasileiro no Rio, já se antecipando com relação às obras que viriam, as dificuldades que viriam, porque todo mundo sabia que essas dificuldades iriam aparecer com relação às obras. Então, não tem surpresa. A surpresa não existe nesse caso. Isso está sendo debatido ao longo do último ano com todos os presidentes de Federações nas assembleias, nas reuniões, que, dependendo do cronograma de obras, teríamos que transferir os campeonatos.

A declaração do laser sobre projetos.

Não sei qual o parâmetro que ele utilizou. A Confederação tem projetos de lei de incentivo. Então, entramos mais um nessa janela. Nós temos mais dois de compra de equipamentos. No entanto, tivemos problemas para executar o projeto, que quando a minha gestão assumiu a Confederação tínhamos uma série de processos trabalhistas, inclusive que demoraram... O recurso da Lei de Incentivo já captado, tivemos que fazer uma reversão toda, parcelar dívida, sanar todos os problemas que a Confederação tinha para hoje ser uma Confederação totalmente apta e saudável a executar projetos. Isso não é de um dia para a noite que se faz, leva certo tempo. Hoje posso garantir que a Confederação é totalmente saudável. Qualquer um pode ter acesso ao *site*. Temos prestação de contas publicamente divulgadas, nos últimos 6 ou 7 anos estão lá divulgados todos os balanços. É uma Confederação saneada, apta a crescer e fazer projetos. Passou um tempo sem poder fazer projetos. Temos outras Confederações, mas é um número reduzido que passa algumas dificuldades. A Confederação Brasileira de Remo passou por isso. Talvez isso tenha inviabilizado um crescimento nos últimos anos.

Passamos também por uma gestão de um presidente que ficou cinco mandatos praticamente. Ficou quase 20 anos na Confederação.

Renovação.

A Fabiana é um talento que se destaca. A maior parte do nosso retorno de mídia está em cima do seu nome.



A renovação parte dos clubes, não da Confederação. Muitas vezes a Confederação é apontada como Federação, não renova. Essa renovação vem dos clubes. A Confederação pega os atletas que se destacam em clubes e lhes dá as condições para que eles evoluam ainda mais. Mas a própria Confederação não tem escola de remo, ela não capta o atleta na escola de ensino e leva para uma competição internacional. O atleta precisa chegar a um nível mínimo para ser convocado pela Seleção.

Muitas vezes trabalhamos até com acampamentos de desenvolvimento, onde pegamos atletas novos que se destacam nas categorias de base, atletas de 15 anos e 16 anos, já para aproveitar na categoria Junior, que é de até 18 anos, e faz acampamento de desenvolvimento. Mas esse é um número reduzido. Nós trabalhamos com 30 atletas a 40 atletas, enquanto os nossos 56 clubes filiados têm que trabalhar com um número maior, para conseguir fazer essa renovação. Então, apontar a Confederação como uma entidade que não renova... Acho que estamos tentando fazer o nosso papel, e temos feito com os atletas que chegam, no sentido de aumentar o nível deles.

Sobre centro de treinamento, temos, sim, feito acampamentos em Brasília — em Brasília são mais os eventos. Nós estamos estruturando para poder ser um centro de treinamento, estamos fazendo convênio com os clubes daqui. Hoje ainda, tenho reunião em clubes para viabilizar isso. O centro de treinamento do Grêmio Náutico União, em Porto Alegre, é hoje o mais estruturado do Brasil, com alojamento e com convênio com a Confederação Brasileira de Clubes — CBC. Então, temos alternativas, sim.

A maior dificuldade que temos hoje é com relação a essa transição por conta das obras. O remo é o único que está sendo prejudicado. Talvez no treinamento nem tanto, mas na parte administrativa estamos tendo certos problemas, porque lá é também a sede da Confederação — está havendo obras na sede. De toda forma, estamos ajudando, porque sabemos que este é um momento único, importante, que não é qualquer país que sedia uma Olimpíada. Estamos entendendo que isso é necessário fazer e estamos apoiando. Temos um bom relacionamento com o Governo do Estado do Rio de Janeiro e estamos procurando entender, mas isso acaba prejudicando um pouco, porque lá é onde a Confederação tem os seus



técnicos, sete técnicos. Tivemos que fazer toda uma remodelação na estrutura de trabalho dos funcionários, ver onde eles iriam trabalhar e como iriam acompanhar os atletas, para que não houvesse perda de qualidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Edson, quero só tentar entrar um pouco na pergunta do Daniel. Qual é o problema maior? É a questão técnica ou o número de praticantes? Talvez não haja facilidade para termos praticantes. Como o senhor disse, hoje temos investimento, somos um dos países que mais investem no atleta. Então, por que não conseguimos obter tantos talentos? É claro que o resultado não se deve só ao investimento, mas, sobre essa questão técnica, precisamos trazer treinadores de fora? Precisamos saber qual é a realidade do remo, para podermos esmiuçar ainda mais isso.

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JUNIOR - Talvez a chave para resolver o problema seja onde está sendo feito o investimento. Nós vemos investimento maior no atleta e não nas estruturas que vão recebê-lo. Muitos atletas que recebem suporte financeiro, como patrocínio ou bolsa — alguns deles têm bolsa do clube, bolsa do Ministério e um ou dois patrocínios —, não têm barco próprio. Como o clube não tem como recebê-los bem, eles vêm à Confederação para ter suporte.

Sendo o remo um esporte milenar, existem hoje várias instituições centenárias, mas elas têm muita dificuldade em receber um número maior de atletas. Então, precisamos realmente aumentar a base da pirâmide. Para isso, vimos fazendo um trabalho de conscientização a fim de firmarmos convênios com escolas e universidades, como é feito nos países onde o remo é mais popular do que no Brasil. A Inglaterra é um exemplo. Lá as raias recebem diariamente vários ônibus de estudantes para fazer a prática. Esse tipo de convênio com escolas, em que os atletas são levados à prática, no Brasil nós não temos. Nós procuramos fazer, mas é pontual o que acontece, não é de uma forma sistemática. Essa talvez não seja uma dificuldade só do remo.

Principalmente nas cidades grandes — o remo é praticado em 14 capitais — também temos dificuldades quanto à mobilidade urbana e à segurança pública.

Hoje, normalmente os pais avaliam se é seguro a um adolescente de 13 anos ou 14 anos sair de casa sozinho para fazer uma prática esportiva. Quando a prática do esporte é dentro da escola, com certeza é muito mais seguro. Então, um



convênio que possibilite que o aluno seja pego na escola e levado para a prática do esporte e depois seja conduzido de volta à escola com certeza oferece segurança e a possibilidade de aumentar o número de praticantes.

Nós implementamos na Confederação um sistema para mensurar exatamente o número praticantes em todo o Brasil. Isso agora está se tornando obrigatório. Todas as instituições do Brasil vão cadastrar os atletas, e nós vamos poder mensurar exatamente o número de praticantes de cada nível, para avaliar onde estão os gargalos, onde é que podemos melhorar e onde precisam ser feitos os ajustes, a fim de aumentar a base para descobrir talentos, formar novos talentos e destaques.

A Confederação é apontada como a responsável por isso, mas no fundo nós precisamos ajudar os clubes, principalmente os pequenos, porque os clubes grandes nós temos bem estruturados, mas são poucos — cinco cidades, praticamente, têm clubes grandes. No entanto, nós temos clubes de remo em 60 cidades ou 70 cidades, e eles precisam ser atendidos de uma forma ou de outra, porque os talentos vêm de clubes pequenos normalmente. É até mais fácil praticar o remo numa cidade pequena do que numa cidade grande, que tem problemas como os que citei aqui. Na cidade pequena é mais tranquilo de a pessoa evoluir no esporte.

Acho que é isso.

Respondi a todas as perguntas?

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - Vamos começar pelo Peter Siemsen, um dos maiores nomes da vela de todos os tempos do Brasil. Ele sempre foi, além de um bom velejador, um dirigente muito importante para a vela, um benemérito da vela. Ajudou muitos atletas, inclusive financeiramente, no início das carreira, como o Torben Grael. Muitos foram ajudados pelo Peter Siemsen, que é um advogado de sucesso e tem um grande escritório de advocacia.

Esse episódio do Peter Siemsen me deixou muito, muito triste. Expuseram o nome dele dessa maneira, sendo que ele não fez absolutamente nada de errado. Que aconteceu? Ele compete na classe Oceano. Uma das coisas bacanas da vela é que é um esporte que pode ser praticado dos 4 anos aos 100 anos de idade, sem nenhum problema. Ele veleja num barco chamado Ângela III, disputa competições



de oceano. Aliás, ele veleja muito mais do que eu. Eu não consigo mais velejar, e ele veleja com muito mais frequência do que eu. Os eventos da classe Oceano são considerados para o Bolsa Atleta. A classe Oceano é a principal classe de vela do País. Só no late Clube de Aratu existem 300 barcos de oceano. Essa é a área — estamos falando aqui de popularizar o esporte — em que a vela pode ser mais popular. E já estou pegando a pergunta que eu roubei do Deputado João Derly...

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Deixe-me só acrescentar que essa pergunta é do Egídio, de Brasília. Ele faz uma crítica aqui — nós conversamos nos bastidores — e pergunta como transformar a vela em um esporte popular.

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - Então, a classe Oceano é muito importante para popularizar a vela, porque são barcos com 8 pessoas, 9 pessoas, 7 pessoas, e só existe um dono. As outras 6 pessoas não precisam ter dinheiro nem nada para poder velejar.

Então, o Peter é dono desse barco, e o barco dele foi campeão, se não me engano na classe RGS. Aí um dos tripulantes viu que ele era elegível para o Bolsa Atleta, por ter sido campeão, e, no afã de ajudar o Peter a diminuir os custos, que são gigantescos... Um ano de Bolsa Não paga um campeonato do Ângela VI, não paga nem o início. Então, esse velejador, no afã de ajudar o Peter, falou com a Secretária do Peter — e o Peter assina trezentos mil compromissos por ano: *“Isso é referente à Vela, para o Ângela VI”*. Ele assinou. Eu cometi o erro maior de todos, que foi ter assinado, porque vi que ele era elegível, ele sempre foi elegível a receber, continuou sendo elegível. Mas eu deveria ter visto que ele poderia passar por um constrangimento, mas cometi o erro de ter assinado. Eu devia ter falado: *“Peter, olha...”* Se eu o tivesse alertado... Tanto é que, prontamente, assim que saiu a matéria, saiu tudo, ele fez questão de devolver tudo e pedir para ser excluído disso.

Então, eu acho que é muito importante fazer justiça ao Peter Siemsen, porque ele tem ligação com a segunda pergunta que você fez, que é da ISAF, da Federação Internacional de Vela. O Peter foi candidato a Presidente da Federação Internacional de Vela. Foi o único brasileiro que chegou perto de ser Presidente da Federação Internacional de Vela. Ele perdeu a eleição por um voto, por um voto. Então, sempre foi um nome de proa dentro da Federação Internacional de Vela.



De fato, o Brasil ficou ausente muitos anos da Federação Internacional de Vela. E isso começou a ser remediado a partir de 2012, quando o próprio Carlos Nuzman me aconselhou fortemente a voltar a participar da Federação Internacional. Passei a participar, e hoje o nosso relacionamento com a Federação Internacional é excelente. O Presidente, o Carlo Croce, é um amigo meu, e olha que nós nem votamos nele, mas ele virou um amigo. A ISAF tem colaborado horrores conosco em todo o processo de evento-teste, dividem tudo conosco — nem necessariamente deveriam, e dividem. Então, o relacionamento é fantástico. Não era. Não é que havia um mau relacionamento. Não havia relacionamento. O último cara que tinha uma presença lá era o Peter Siemsen, e por isso que foi bom você ter feito a pergunta, porque uma liga à outra.

O SR. DANIEL - Só peço que esclareça uma dúvida: a exclusão da classe Star tem alguma coisa a ver com o Brasil, não?

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - Não, a exclusão da classe Star vem dentro de um processo... Essa pergunta se liga a outra. Suas perguntas estão todas maravilhosamente ligadas. A exclusão da classe Star tem a ver com outra pergunta que você fez sobre a ameaça de a Vela ser excluída da Olimpíada. A Vela tem uma preocupação muito grande com democratização, popularização, modernização. E o problema da classe Star é que, apesar de ser um barco magnífico — eu tenho um, velejo de Star —, é muito caro, é muito caro. Já estava chegando a 150 mil euros um barco. Então, já estava chegando a um padrão... Não havia condição de manter um barco que foi projetado em 1911 e que foi evoluindo de tal maneira... Não havia condição de se comprar um barco de 150 mil euros. Então, a decisão da ISAF de tirar a classe Star foi muito mais motivada por isso.

É claro que o Brasil lutou muito contra, porque teríamos a chance de ver o Torben Grael competindo aqui. A Presidente Dilma, é justo fazer a menção aqui nesse momento, lutou de todas as formas para manter a classe Star na Olimpíada. Lutou mesmo, foi realmente impressionante como ela abraçou essa causa, mas não conseguiu.

E, graças a essas mudanças que a ISAF vem fazendo, a Vela está longe de ter ameaça agora de ser excluída. Por quê? Primeiro, em Londres, a Vela já foi um esporte muito bem sucedido. O que estava acontecendo com a Vela? Desde 1992, a



Vela não era realizada no mesmo lugar da Olimpíada. Então, a Olimpíada era em um lugar e a Vela... Tindal, por exemplo, é a uma hora de avião de Pequim. Quer dizer, a competição era a uma hora de avião do lugar onde estava acontecendo a Olimpíada. Em Atlanta, em 1996, as regatas foram realizadas em Savannah a duas horas de carro, mais uma hora de barco. Então, é difícil manter um esporte assim.

Essa foi uma das grandes conquistas da candidatura da Rio 2016. Desde Barcelona, não se faz regata no lugar da competição. Então, as medidas estão sendo tomadas, e nós arriscamos dizer que o maior público da Olimpíada de 2016 vai ser o da Vela, o maior público em um estádio vai ser o da Vela. Podem escrever, porque eu acho que vai ser mesmo. Como eu falei, a população vai poder assistir, de graça, a uma disputa de medalha, em uma região onde moram milhões de cariocas.

Então, assim, eu acho que a Vela veio em uma ascendente. Nós introduzimos agora o Kitesurf, já para a Olimpíada de 2020, exatamente para rejuvenescer, modernizar. Os barcos estão cada vez mais cinematográficos, acrobáticos. Eu já não consigo mais... Tem alguma coisa errada quando tem uma categoria olímpica em que eu veleje, concordam? Então, os barcos agora já estão ficando cada vez mais difíceis de uma pessoa como eu velejar sem quebrar a costela, sem se machucar. Esse é um sinal de que a Vela está num processo de rejuvenescimento, que eu considero saudável, muito embora tenha lutado de todas as maneiras para o Star ficar, por questões egoísticas nossas, não é isso, e de justiça a esse meu ídolo, que é o Torben Grael.

Por último, em relação à troca com as equipes estrangeiras, o Estados Unidos é um excelente parceiro nosso, mas, lamentavelmente, não se encontra na melhor fase da sua história em termos de Vela. Hoje as potências da Vela são a Inglaterra, a Austrália, a França e o Brasil, sendo que a potência emergente em máximo é a França. É impressionante o trabalho que a França fez nos últimos 4 anos, muito bom mesmo, um trabalho excelente. A Inglaterra é sempre o nosso maior rival, disparado, e a Austrália também é uma potência muito forte.

Nós cooperamos bastante com a Inglaterra, ela tem sido um parceiro nosso em várias coisas, mas, na água, é um inimigo, e, tecnicamente, não trocamos nenhuma informação. Politicamente, trocamos bastante informação. Eles nos



ajudaram em 2012. E nós estamos os ajudando em 2016, em várias questões. Todos esses times já estão treinando na Baía de Guanabara desde 2013, todos. Para vocês terem ideia, a equipe da Inglaterra que vai disputar a Copa Brasil, agora no final do ano, vai ser maior do que a brasileira. Vai ter mais inglês participando da Copa Brasil do que a própria equipe brasileira. Então, eles estão participando.

O esporte hoje... E, aí, eu vou fazer uma observação em relação à pergunta que você fez ao Edson. Eu acho que, em relação à preparação para a Olimpíada, muitas vezes nós falamos assim: *“Ah, se gasta uma fortuna com equipes olímpicas com poucos atletas”*. Mas o que acontece com o esporte — e aqui nós temos também o nosso Deputado João Derly, como judoca, que pode falar — é que medalha traz praticante. No dia em que o Remo começar a ganhar medalha na Olimpíada de maneira sistemática, ele vai trazer praticantes. Eu comecei a praticar Vela quando o Brasil ganhou a primeira medalha de ouro em 1980. Eu, vendo aquilo, fiquei com vontade de velejar, e, no ano seguinte, eu estava velejando. Então, é muito importante. Às vezes, nós nos esquecemos, porque só olhamos os números. Eu, às vezes, fico assustado também com os números. Mas, por outro lado, nós sabemos que a medalha, o sucesso, a vitória trazem mais pessoas para o esporte, para qualquer esporte.

Então, nós temos, sim, que apoiar os nossos times olímpicos, porque eles é que fazem as crianças sonharem, eles são os heróis, são as referências. Se não tivermos essas pessoas, não vamos ter praticantes. O herói das crianças vai ser o cara do tráfico, sei lá o que vai ser, mas não vai ser o bom exemplo que um atleta fornece.

Então, eu acho que vai chegar a hora do Remo, vai chegar a hora em que o Remo vai ter o seu Torben Grael, o seu Robert Scheidt, e, aí, vai tentar fazer esse trabalho que nós tentamos fazer na Confederação de Vela, de que haja sucessores. E eu acho que estamos tendo sucessores para esses atletas. E essa é a trilha do Judô também. Os atuais campeões do Judô estão calcados em cima de quem? De um Aurélio Miguel, de um João Derly. São as referências, porque, sem referência, fica difícil o jovem sonhar em ganhar uma medalha.

Então, eu acho que para a Vela parece fácil, mas não é. Nós tivemos a sorte de ter essas medalhas e de estar conseguindo investir. Eu tenho certeza de que o



remo vai chegar também a ter essas mesmas condições, é só dar recurso e ter paciência porque é esporte também. Antes de ganhar a primeira medalha olímpica, a vela bateu na trave em seis Olimpíadas seguidas. Desde 1960 a vela batia na trave para ganhar uma medalha. Foi ganhar a primeira medalha na Olimpíada de 1976. Bateu na trave, entendeu? Não é nem tentando, é batendo na trave. É isso, o remo já está batendo na trave. Quem sabe em 2016 nós não tenhamos uma surpresa boa?

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Pergunto se mais alguém deseja fazer uso da palavra.

Não havendo, finalizando os debates, passo as palavras aos expositores para suas considerações finais.

O SR. MARCO AURÉLIO DE SÁ RIBEIRO - Quero mais uma vez agradecer esta oportunidade. Eu acho que o esporte tem que ser transparente. Ele tem que ser cidadão e ele tem que ser parceiro de todos os segmentos da sociedade. Eu sinto que essa aproximação é crescente. Não é a primeira vez que eu venho aqui ao Congresso. Vejo essa aproximação crescente do Congresso, que está sentindo o pulso da população com as confederações. Eu acho que é uma excelente iniciativa. Agradeço e me ponho sempre à disposição desta Comissão para o que ela precisar.

O SR. EDSON ALTINO PEREIRA JÚNIOR - Agradeço também a presença.

Gostaria de dizer que a confederação está sempre empenhada em buscar mecanismos de evolução e crescimento no número de praticantes, nos resultados. Nós temos implementado processos para alcançar isso e mensurar a evolução, profissionalizando a equipe técnica, a equipe administrativa. Temos buscado muito atender à expectativa da sociedade, aproveitar esse momento olímpico do Brasil, em que todos os esportes estão evoluindo, de uma forma ou de outra. Os esportes estão crescendo, estão tendo experiências que nunca teriam se não houvesse uma Olimpíada em casa. Com isso, com certeza teremos um legado não só de estruturas físicas, mas também de conhecimento para quem está participando de uma Olimpíada. As confederações estão vendo um lado que nunca viram, vêm participando como os donos da casa. Com isso, temos recebido um número muito grande de equipes de fora para fazer intercâmbio, procurando, de uma forma ou de



outra, interagir com cada confederação. Isso tem feito atletas voluntariamente virem treinar. Nós cedemos, muitas vezes, quando é uma equipe pequena, de dois ou três atletas, para treinarem junto com a confederação. Atletas medalhistas em campeonatos internacionais treinam com nossos atletas. São várias as experiências que estamos tendo. Nós abrimos as portas nos países deles. Com certeza está sendo uma oportunidade única de o esporte brasileiro evoluir. Esse momento pré-olímpico no Brasil é um momento ímpar que, com certeza, todo atleta tem oportunidade de vivenciar isso como atleta e os dirigentes também têm muito a ganhar.

Agradeço a oportunidade de estar aqui e de expor a situação atual do remo brasileiro.

Obrigado.

O SR. ADEMAR LAMOGLIA - Gostaria bastante de agradecer ao Deputado João Derly e, por extensão, à Comissão do Esporte por oportunizarem que os dirigentes venham até aqui discutir algumas coisas que afligem o esporte, mas também venho informar e demonstrar o planejamento que cada esporte, que cada modalidade tem e a preocupação de resultados nas Olimpíadas de 2016.

O *tae-kwon-do*, como as modalidades aqui representadas, a vela e o remo, demonstrou mais uma vez que é feito de pessoas preocupadas, pessoas competentes, e, acima de tudo, “plugadas” no que há de mais moderno, em termos de treinamento e preparação de equipes olímpicas. Agora, é um processo lento, e é demorado o resultado. A *performance* nem sempre obedece ao cronograma, mas é um bom início.

E esta Casa, através do João Derly, com sua sensibilidade de ex-atleta, está se aproximando da sociedade, e isso é importante para nós, porque a Câmara Federal é uma caixa de ressonância dos anseios e da forma como nós gostaríamos de ser tratados. E isso, para nós, é importante, e nós saberemos dar as respostas que todo mundo espera, que são a *performance*, a ampliação, há um termo que todo mundo usa, a popularização do esporte. Mas nós dirigentes sabemos das dificuldades que nós enfrentamos. E nós não fugimos dessa luta. Gostaríamos de contar, principalmente, com a colaboração de todos vocês, que são formadores de



opinião nos seus segmentos, para que nós consigamos desempenhar as nossas funções diretivas e administrativas.

Deputado João Derly, ficam aqui os parabéns do *tae-kwon-do*, e conclamo os colegas presidentes para que esta seja uma sementinha de tudo o que se espera de apoio para nós.

E vou encerrar com a saudação do *tae-kwon-do*: *Tae kwon*, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Muito obrigado aos nossos palestrantes, por disporem de um tempo para estar conosco e nos ajudar a entender um pouco mais cada modalidade.

Têm sido muito proveitosas essas reuniões, até para conhecermos um pouco mais modalidades como levantamento de peso, que nós tivemos há pouco tempo, e para quem não tem tanta afinidade com a modalidade conhecer sua realidade, e para conhecermos um pouco mais os atletas, e saber a preparação de cada um, como cada confederação hoje tem trabalhado, até para o desenvolvimento do esporte. Claro, os Jogos Olímpicos estão próximos, para o futuro, que eu acho que o esporte é o grande legado que poderemos tirar desses Jogos Olímpicos.

Antes de finalizar os trabalhos, quero agradecer a presença de todos.

Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos, convocando os Srs. Parlamentares para a reunião de audiência pública para instituir o dia 25 de maio como o Dia Nacional do Desporto Escolar, a ser realizada dia 23 de outubro, quarta-feira, às 15 horas, neste Plenário.

Está encerrada esta audiência pública.

Muito obrigado.